



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE  
FACULDADE DE DANÇA  
LICENCIATURA EM DANÇA

Jamille Guimarães Souza

**CORPO K-COVER:** Estratégias de aprendizagem e espetacularidade  
coreográfica do Cover de K-Pop em Belém do Pará

Belém/ PA  
2022

Jamille Guimarães Souza

**CORPO K-COVER: Estratégias de aprendizagem e espetacularidade coreográfica do Cover de K-Pop em Belém do Pará**

Monografia apresentada à Faculdade de Dança, do Instituto de Ciências da Arte da Universidade Federal do Pará, como requisito final à obtenção do título de Licenciado no Curso de Licenciatura em Dança.

Orientadora: Profª Drª Maria Ana Azevedo de Oliveira.

Belém/ PA  
2022

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Biblioteca Universitária da ETDUFPA-Belém-PA**

---

S729c Souza, Jamille Guimarães

CORPO K-COVER: estratégias de aprendizagem e espetacularidade coreográfica do Cover de K-Pop em Belém do Pará / Jamille Guimarães Souza.

Orientadora: Profª Drª Maria Ana Azevedo de Oliveira.

Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Faculdade de Dança, Curso de Licenciatura em Dança, Belém, 2022.

1. Dança Moderna. 2. Coreografia. 3. Etnocologia. 4. Movimento popular. I. Título.

CDD - 23. ed. 793.3

---


**Elaborado por Rosemarie de Almeida Costa – CRB-2/726**

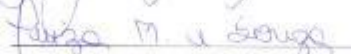


SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE  
FACULDADE DE DANÇA

#### ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Ao primeiro dia do mês de julho do ano de dois mil e vinte e dois, às 15 horas, na sala 22, da Faculdade de Dança - Curso de Licenciatura em Dança, reuniu-se a Banca Examinadora constituída pelas docentes: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Ana Azevedo de Oliveira (Orientadora e Presidente da Seção) e a Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Luiza Monteiro e Souza (Membro), para proceder à avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado CORPO K-COVER: Estratégias de aprendizagem e espetacularidade coreográfica do Cover de K-Pop em Belém do Pará, de autoria da aluna Jamille Guimarães Souza, da turma: 2017, do Curso de Licenciatura em Dança Belém. Iniciado os trabalhos, a Presidente(a) da Seção apresentou as normas de Defesa do Trabalho de Conclusão de Curso e, em seguida, convidou a aluna para fazer a apresentação do trabalho. Após a exposição oral, a estudante foi arguida pelos membros da banca, que atribuíram conceito Excelente ao seu Trabalho de Conclusão de Curso, tendo sido assim Aprovada (aprovado/reprovado), conforme normas regulamentares. Nada mais havendo a tratar, eu, Maria Ana Azevedo de Oliveira (presidente da banca), lavrei a presente ata que segue assinada por mim, pelos demais membros da banca examinadora do trabalho avaliado e pelo(a) aluno(a).

  
Presidente da Banca

  
Membro da Banca

\_\_\_\_\_  
Membro da Banca

  
Aluno(a)

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta monografia por processos fotocopiadores ou eletrônicos, desde que mantida a referência autoral. As imagens contidas neste trabalho, por serem pertencentes a acervo privado, só poderão ser reproduzidas com expressa autorização dos detentores do direito de reprodução.

Assinatura \_\_\_\_\_

*Jamille Guimarães Souza*

Local e Data: \_\_\_\_\_

A todos aqueles que praticam essa arte de forma preciosa e continuam perpetuando a dança *K-Cover* com excelência. Dedico a todos nós. Façamos arte!

## Agradecimentos

Gostaria de agradecer aos meus pais Joelson Souza e minha mãe Alcilene Guimarães, mais precisamente à minha mãe, Dona Cilene para os mais próximos, por sempre estar aqui ao meu lado desde que nasci, confiando e acreditando na minha não tão breve carreira artística e, acima disso, por nunca pensar em desistir ou duvidar de mim, até quando eu mesma duvidei. Obrigada, mãe, você foi e é meu tudo. Amo você! É para você e por você, um dia te darei o mundo e tudo o que eu mais puder se o tempo assim me permitir. És a causa-mor de tudo isso.

A mim, por não ter aberto mão e permanecer trilhando esse percurso às vezes muito sozinha, com inúmeros conflitos internos e externos, das crises de ansiedade e tristeza, constantemente querendo desistir, mas não o fiz. Continuamos aqui eu, meu Deus, meus guias e qualquer outra divindade que me sustentou para que eu não caísse. Finalmente consegui encerrar esse ciclo! Um pouco cansada, mas mirando um pouco mais alto para meu próximo passo. Mais uma “season” termina para que outra mais difícil comece.

Às minhas meninas do BLAS7ER, que hoje nos intitulamos de "O Clube das idosas" Rebeca, Brenda e Anna por implantarem esse tamanho amor à performance em mim e acima de tudo à dança K-Cover. Obrigada, minhas manas, vocês foram essenciais para que tudo isso tomasse forma hoje, obrigada por essa amizade de 10 anos e por serem minhas melhores amigas desde então, sempre me ajudando no que foi preciso para essa pesquisa e para a vida. Amo vocês!

À minha orientadora e professora querida, Maria Ana Azevedo. Agradeço por ter escolhido minha pesquisa para sua orientação, que foi crucial para que esta tomasse o rumo e saísse da estaca zero. Obrigada por todos os conselhos e zelo que teve comigo durante este breve período em que estivemos juntas lapidando minha pesquisa. Acredite quando digo, sua ajuda foi essencial, lhe agradecerei eternamente e lhe levarei no coração para sempre como a professora dedicada, que sempre incentiva seus alunos a atingirem suas melhores versões. Obrigada por me permitir ser eu e me preparar para voos mais altos.

A meus amigos que fiz ao longo da graduação, mas principalmente a Anicée do Carmo, que foi como uma mãe/ amiga nesse longo percurso não soltando minha mão uma vez sequer. Tu foste uma das peças fundamental pra isso tudo, serei eternamente grata a ti por todas as vezes que me acolheste no teu colo e secastes

minhas lágrimas quando as coisas se tornaram insuportáveis. Tu és arte, sempre vou torcer e ajudar na tua carreira. Quero que tu voes!

As professoras Luiza Monteiro, Arianne Pimentel e Caroline Castelo, que foram imprescindíveis nessa caminhada acadêmica, sempre incentivando e deixando rastros afetivos por onde passaram, com toda certeza que cabe em mim, não fui a única a ser marcada com tanto afeto. A vocês toda minha admiração, vocês são minhas inspirações quando se trata de dedicação, didática e afeto.

Ao meu já dissolvido LIMITLESS (Letícia, Brenda, Vitória e Larissa), que me ajudaram a realizar o sonho de dançar *Mic Drop* em grupo com todas as trocar de figurações que sou apaixonada e sempre se empenharem em entregar o melhor resultado. Sinto saudades, meninas!

Às meninas do projeto *ROYALTY*, obrigada meninas, foi a coreografia mais difícil da minha carreira, mas o resultado foi extremamente satisfatório. Sucesso à todas!

Por fim, mas não menos importante, às meninas do On Fleek (Amanda, Ingrid, Criança, Yasmim e Adriane) por todo acolhimento e carinho que tiveram comigo logo desde o começo. Vocês foram necessárias para continuar alimentando meu amor à dança cover, todo ensaio me sentia ainda mais motivada a continuar mesmo querendo me aposentar tantas outras vezes. Vocês me ajudaram a voltar a entender o que é fazer parte de um grupo, me sinto em casa com vocês. "All my girls on fleek!".

*“Você pode sentir isso? Nós estamos conectados  
Por nossos corações que são transparentes como cordas invisíveis  
Eu falo para o céu e faço uma promessa sobre isso  
Vou continuar caminhando não importa o quanto a estrada  
fique difícil  
Quando estou de novo na estrada que nós caminhamos juntos  
Há cinco mãos sobrepostas, lágrimas e memórias  
É tão claro, eu não quero esquecer  
Não posso esquecer”*

*Our Page (SHINee, 2018)*

## RESUMO

Esta pesquisa busca elucidar acerca da dança *K-Cover* na região metropolitana de Belém no Pará, por meio de uma conversa direta com o leitor sobre a história *do K-Pop* de uma forma geral. Perante isso, traço algumas estratégias metodológicas de forma descritiva utilizadas durante a aprendizagem coreográfica que foram desenvolvidas e estabelecidas pelo próprio nicho *K-Cover* em Belém. Baseando-me a partir de minha análise e observação de outros grupos, além de minha própria vivência. Possuindo a Etnocenologia como teoria base, para a investigação da espetacularidade na dança cover, juntamente, relacionada à performance, com isso abordo sobre os estados de corpo e consciência que o *K-Cover* alcança ao adentrar ao palco. Perpassando sobre três performances marcantes entre o período de 2018 à 2022, saindo do traçar de seus caminhos coreográficos até suas espetacularidades. Mas acima de tudo, reafirmo a relação entre a dança *K-Cover* e a espetacularidade coreográfica de uma forma mais particular no contexto da região metropolitana de Belém.

**Palavras chave:** k-pop; k-cover; coreografia; etnocenologia; performance.

## **Abstract**

This research aims to enlighten about the K-Cover dance in the metropolitan region of Belém, Pará, through a direct conversation with the reader about the history of K-Pop in general. In this context, I present some descriptive methodological strategies used during choreographic learning that was developed and established by the K-Cover niche itself in Belem. Based on my analysis and observation of other groups, besides my own experience. Having Ethnology as a basic theory for the investigation of spectularity in cover dance, together, related to performance, I approach the states of body and consciousness that the K-Cover reaches when entering the stage. I will go through three outstanding performances from 2018 to 2022, from tracing their choreographic paths to their spectularity. Above all, I reaffirm the relationship between K-Cover dance and choreographic spectularity in a more particular way in the context of the metropolitan region of Belem.

**Keywords:** k-pop; k-cover; choreography; ethnology; performance.

## LISTA DE FIGURAS

<i>Figura 1 - Seo Taiji &amp; Boys(1992) .....</i>	<i>18</i>
<i>Figura 2 - K-Drama Autumn In My Heart (2000).....</i>	<i>20</i>
<i>Figura 3 – K-Drama Winter Sonata (2002).....</i>	<i>20</i>
<i>Figura 4 - Garotas jogando PUMP It Up.....</i>	<i>24</i>
<i>Figura 5 - Logotipo Animazon no Taikai 2021 e Imagem comemorativa dos 17 anos de Animazon no Taikai.....</i>	<i>30</i>
<i>Figura 6 - Grupo K-Cover durante apresentação no Animazon de 2012 .....</i>	<i>31</i>
<i>Figura 7 - Apresentação cosplayer no Animazon no Taikai 2019 .....</i>	<i>31</i>
<i>Figura 8 - Logotipo Anime Geek 2022.....</i>	<i>32</i>
<i>Figura 9 - Prédio principal e espaço interno UNAMA BR.....</i>	<i>32</i>
<i>Figura 10 - Grupo K-Cover Bloom.....</i>	<i>33</i>
<i>Figura 11 - Logotipo KPXP 2021.....</i>	<i>34</i>
<i>Figura 12 - Cartaz KPXP AWARDS 2021 .....</i>	<i>35</i>
<i>Figura 13 - Flyer KPXP In The Summer 2021 .....</i>	<i>36</i>
<i>Figura 14 - Flyer do KPXP Old School K-Pop .....</i>	<i>37</i>
<i>Figura 15 - Flyer KPXP BIG 3 .....</i>	<i>38</i>
<i>Figura 16 - Logotipo K-Summer .....</i>	<i>39</i>
<i>Figura 17 - Sony Ericsson W200i.....</i>	<i>39</i>
<i>Figura 18 - SHINee, durante as gravações do MV de Lucifer em 2009. ....</i>	<i>39</i>
<i>Figura 19 - DBSK em MIROTIC .....</i>	<i>39</i>
<i>Figura 20 - BTS em No More Dream.....</i>	<i>39</i>
<i>Figura 21 - Grupo Blas7er, pós-apresentação no I Campeonato Paraense de K-Pop .....</i>	<i>39</i>
<i>Figura 22 - I Cant Stop Me Dance Practice Grupo TWICE .....</i>	<i>39</i>
<i>Figura 23 - I Can't Stop Me Dance Practice Grupo TWICE (Mirror) .....</i>	<i>39</i>
<i>Figura 24 - Notação de Figurações Coreográficas por meio do Power Point.....</i>	<i>39</i>
<i>Figura 25 - Grupo K-Cover LIMITLESS no evento K-Pop4Fun.....</i>	<i>39</i>
<i>Figura 26 - Apresentação do grupo K-Cover ROYALTY no Animazon no Taikai de 2019 .....</i>	<i>39</i>
<i>Figura 27 – Imagem pretendida (MV de MIC DROP, remix by Steve Aoki) .....</i>	<i>39</i>

<i>Figura 28 - Imagem alcançada (Grupo LIMITLESS 2018) .....</i>	<i>39</i>
<i>Figura 29 - Imagem pretendida (Grupo NCT 127 - Apresentação Cherry Bomb ao vivo) .....</i>	<i>39</i>
<i>Figura 30 – Imagem alcançada (Grupo ROYALTY - Animazon No Taikai 2019).....</i>	<i>39</i>
<i>Figura 31 - Grupo PIXY na divulgação de Wings em 2021 .....</i>	<i>39</i>
<i>Figura 32 - Grupo K-Cover On Fleek KPXP AWARDS 2021 .....</i>	<i>39</i>
<i>Figura 33 - Imagem alcançada (Grupo On Fleek KPXP AWARDS, 2022).....</i>	<i>39</i>
<i>Figura 34 - Imagem pretendida (PIXY Apresentação ao vivo) .....</i>	<i>39</i>
<i>Figura 35 - Imagem pretendida (PIXY Apresentação ao vivo) .....</i>	<i>39</i>
<i>Figura 36 - Imagem alcançada (Grupo On Fleek KPXP AWARDS, 2022).....</i>	<i>39</i>

# Sumário

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>2. K-POP: BREVE HISTÓRICO E TRAJETÓRIA EM BELÉM DO PARÁ</b> .....	18
<b>2.1 Breve histórico do <i>K-Pop</i></b> .....	18
<b>2.2 <i>K-Pop</i> aterrissando em Belém do Pará</b> .....	24
<b>2.3 Eventos de <i>K-Pop</i> na região metropolitana de Belém</b> .....	29
2.3.1 Animazon no Taikai .....	30
2.3.1 Anime Geek .....	32
2.3.1 KPXP .....	34
2.3.1 K-Summer .....	39
<b>3. K-COVER: TRAJETÓRIA, VIVÊNCIAS E ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS DE APRENDIZAGEM COREOGRÁFICA</b> .....	44
<b>3.1 Trajetória e vivência da artista cover de <i>K-Pop</i> em Belém do Pará</b> .....	44
<b>3.2 <i>K-Pop</i> Cover: Estratégias de aprendizagem coreográfica (<i>START</i>)</b> .....	53
3.2.1 Mirror .....	57
3.2.2 Slow Motion .....	59
3.2.3 Análise coreográfica .....	60
3.2.4 Experimentação de expressões faciais .....	60
3.2.5 Notação de figuração coreográfica .....	61
<b>4. MAKING-OFF: A APRENDIZAGEM E ESPETACULARIDADE DA ARTISTA K-COVER</b> .....	65
<b>4.1 Bangtan Boys/ BTS – MIC DROP (Grupo <i>K-Cover</i> <i>LIMITLESS</i> - 2018)</b> .....	69
<b>4.2 NCT 127 - CHERRY BOMB (Grupo <i>K-Cover</i> <i>ROYALTY</i> - 2019)</b> .....	74
<b>4.3 PIXY - WINGS (Grupo <i>K-Cover</i> <i>On Fleek</i> - 2022)</b> .....	78
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	85
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	87
<b>ANEXOS</b> .....	90

## 1. INTRODUÇÃO

**Corpo belenense**

**Corpo amazônida**

**Corpo que toma açaí com farinha d'água**

**Às vezes com um pouco de açúcar**

**Tacacá**

**Maniçoba**

**Vatapá**

**Caruru**

**Guaraná**

**Arraial do Pavulagem**

**Carimbó**

**Café preto com pupunha**

**Pato no tucupi com jambu**

**Círio de Nazaré**

**Corpo que “cata” manga no meio da Avenida Nazaré**

**“torós” e maré- alta**

**Corpo que “ensopa”**

**De março à julho**

**Corpo que “desagua”**

**Corpo que ferve pelo resto do ano**

**Corpo único**

**Corpo suado**

**Corpo que pulsa**

**corpo cover**

**corpo que copia**

**que imita**

**corpo que faz-de-conta**

**Corpo mutável**

**Que se adequa**

**Corpo fluido**

**Adaptável**

**Corpo K-Cover**

**Corpo espelho**

(Jamille Guimarães)

Nasci e fui criada em Belém do Pará, mais precisamente na periferia da cidade, até meus três anos morei na Pedreira e posteriormente no bairro do Benguí (uns diziam ser bairro do Mangueirão, outros diziam ser Benguí ou “Bengola City”, para os

mais íntimos). A situação de bairros na Augusto Montenegro é um pouco confusa, pois os bairros são todos muito próximos, até me mudar novamente para o Parque Verde que é como se fosse uma esquina depois do Benguí (é, eu sei, não fui muito longe geograficamente), mas de fato, minha essência continua “bengolense”.

Passei 12 anos da minha breve vida no bairro do Benguí, lugar para além de periférico (já que se localiza próximo à Rodovia Augusto Montenegro que já é tida como periferia do centro de Belém). Lugar normalmente tido como marginalizado, esquecido, sem saneamento básico em locais mais afastados ou sem estruturas para se viver com alguma dignidade.

Quando viajo nas memórias deste local que também é meu local de pertencimento, apesar de toda dificuldade que foi crescer ali, a afetividade toma conta de mim. Ressalto que na minha infância, os estímulos que recebi ao longo da vida foram de total importância para moldar minhas habilidades coreográficas até alcançar a dança cover e posteriormente as danças urbanas.

A dança se apresentou para mim de forma significativa na televisão através de clipes musicais mais famosos dos anos 90 e 2000, como Shakira (minha rainha-mor no mundo da dança, em especial por ser minha primeira referência de relação entre música *Pop* e dança do ventre e por transformá-la, ainda que modificada, como produto comercial e de fácil acesso para mais pessoas), Beyoncé (diva *Pop* e colecionadora de *Grammys*, que é uma das maiores premiações do mundo da música) e Rihanna (outra diva *Pop* muito influente no mundo musical). As cantoras mencionadas anteriormente foram revolucionárias a partir dos anos 2000 quando o quesito é relacionado a dança e inovações coreográficas. E eu, enquanto criança, assistia seus clipes e desejava ter ao menos um pouco daquele *glamour* todo que se apresentavam para mim através dos clipes em questão.

Lembro quando comecei a dar meus primeiros passos na dança através da tela assim que ganhei de um amigo um *DVD* de um *show* da Shakira, intitulado por *Oral Fixation Tour*, onde eu pude assistir as coreografias completas ou trechos um pouco maiores que nos clipes de divulgação. Minha maior satisfação era poder enxergar melhor onde começava e terminava cada movimento, assisti tantas e tantas vezes o *show* completo, que conseguia decorar sequências coreográficas apenas pelo estímulo visual, até que me permiti a experimentação corporal, surgiu também a vontade de me vestir com o mesmo figurino que a Shakira em determinada parte do *show*, insisti muito até minha mãe me comprar uma calça idêntica.

A partir daí, com os lançamentos de mais clipes coreográficos, como por exemplo *Video Phone* e *Run this World* (Beyoncé) e *If It's Lovin that You Want, Umbrellae SOS* (Rihanna), me interessei cada vez mais em aprender coreografias e como não tinha quem pudesse me ensinar, desenvolvi a autonomia em aprender sozinha, é claro, apenas a partir da visualização e experimentação na sala de estar de casa. Até descobrir o mundo do *K-Pop* e pessoas que gostavam de dançar o gênero de uma forma mais performática, pessoas como eu, que aprendiam apenas através de vídeos baixados da internet.

Como teoria base que me utilizarei ao longo da pesquisa, destaco a Etnocenologia, que trata do estudo da cena e seus processos espetaculares, que vai muito além de um âmbito estético, mas também fenomenológico. A Etnocenologia situa-se no campo estético dos padrões de beleza compartilhados, mas também se encontra no lugar do sentir e vivenciar, experimentar. Segundo Bião (2009), no que se refere à Etnocenologia:

[...] a etnocenologia, de modo bem visível distanciada das ciências do homem, distingue-se também da antropologia teatral, por valorizar os princípios característicos de cada forma, prática e comportamento espetacular, sem visar à identificação de um conjunto de princípios universais, e por interessar-se – e abrigar – criação e crítica, de modo integrado, mas não concomitante. (BIÃO, 2009, p. 50).

O presente estudo se debruça no que se refere a dança *K-Cover* em Belém do Pará, mas principalmente, seus desdobramentos no que diz respeito ao processo de aprendizagem coreográfica e desenvolvimentos de estratégias metodológicas para alcançar uma certa similaridade com a apresentação original.

O objetivo da pesquisa é investigar estratégias de ensino aprendizagem coreográfica da dança *K-Cover* e no *K-Pop* como gênero musical, marcador de identidade e consumo da Cultura Jovem, além da espetacularidade presente desde o início até o fim da preparação e a apresentação da performance no palco, descrever cada uma das estratégias metodológicas utilizadas pelos artistas covers de Belém do Pará, dialogando com o saber empírico da própria prática.

A pesquisa discorreu no período de março à junho de 2022, por meio de registro e documentação, os quais foram utilizados o conhecimento empírico na área, além de pesquisas bibliográficas e videográficas. Me utilizando algumas vezes de entrevistas estruturadas, além de consultas em registros fotográficos e vivências pessoais para

melhor alicerçar meu ponto de vista sobre a espetacularidade coreográfica. A abordagem da pesquisa se dá de cunho qualitativo mediante suas maneiras de obtenção de conteúdo. Conforme Neves (1996) conceitua a seguir que métodos qualitativos,

[...] foram obtidos mediante relação direta com o objeto e conduziram a vínculos mais visíveis de causa e efeito do que, por exemplo, tabelas de correlação estatística. Conduziriam a "insights" interessantes e reduziram o efeito das limitações de ação do pesquisador. (NEVES, 1996, p.3)

O tema desta pesquisa veio por meio da enorme afinidade que possuo com o objeto de pesquisa - fenômeno, na maioria das vezes me utilizarei como próprio objeto de estudo e investigação, contribuindo para um maior acervo sobre este tema dentro da academia. Além de, explicitar os benefícios da dança aos seus praticantes e fornecer a partir desta pesquisa, um futuro referencial teórico para outras pesquisas dentro deste mesmo tema.

*K-Pop* foi o termo criado inicialmente para referir-se ao gênero pop que se idealizava na Coreia do Sul no fim do século XX, mais precisamente nos anos de 1990. Ainda em 2020, majoritariamente grupos ou artistas sul-coreanos contemporâneos são compreendidos por esse gênero musical, pois ele está diretamente ligado à economia e indústria cultural do país. Atualmente, com sucesso estrondoso do grupo BTS, com seu *debut* mundial pelo Youtube em 2013, a gravadora *Big Hit* possui uma das maiores ofertas em suas ações na bolsa de valores de Seul. Porém, a história musical nesse Tigre Asiático encabeçou este movimento um pouco antes, as mudanças tiveram início por conta da presença norte-americana no território sul-coreano nos anos 1950.

Naquele período, o cenário musical sul-coreanas sofreu o primeiro contato com os gêneros musicais Ocidentais que influenciaria os processos de criações posteriores. Processo que se intensificou, passou por fases como o *folk*, nos anos 1970, e a balada nos 1980. Entretanto, durante os anos 1990, o "*sinsedae*" ou "nova geração coreana" é representado com notoriedade alcançada pelo trio *Seo Taiji & Boys*. Esta fase já não se identificava nos estilos anteriormente estabelecidos, e misturando *hip-hop*, *soul*, *rock*, *techno* e *punk*, trouxe um ritmo mais arrojado, aumentando gradativamente as influências ocidentais na música sul-coreana,

atraindo assim os públicos mais jovens. Iniciava-se assim, nesse cenário, era concebido o que hoje denominamos de *K-pop*.

Como parte do referencial teórico desta pesquisa trago autores para conversar comigo sobre organicidade e coreografia Aben-Athar (2021), Gil (2004); sobre espetacularidade trago Bião (2004), Pradier (1999) e Barthes (1999); acerca de corpo Daolio (1995), Barbosa, Matos e Costa (2011); a fim de discutir sobre modernidade e cultura trago Hobsbawn (1983), Ortiz (1994), Featherstone (1991), Canclini (1996), Burgees e Green (2009); de ensino-aprendizagem resgato saberes de Piaget (2007), Vygotsky (1991), entre outros autores que conversam intrinsecamente com a pesquisa.

Compreendo que *Cover* é um termo em inglês que caracteriza a versão que uma pessoa ou um grupo faz de determinado artista ou artistas, cantor ou banda famosa. Diversos músicos tocam *covers* como forma de tributo a quem a gravou pela primeira vez, outros formam as chamadas “bandas covers”, que além de tocarem as músicas, usam roupas e se apresentam da mesma forma que o original.

Contudo, para além de todo significado que a palavra *cover* carrega consigo, o *K-Cover* é um universo único e versátil, o artista/intérprete pode ser todos ou escolher interpretar apenas um personagem. A arte *K-Cover* se encontra entre a similaridade visual e gestual de um artista pretendido e a identidade do próprio artista *cover*, é um meio-termo que vai depender do que cada artista escolher ser. Aliar essa similaridade com interpretação, coreografia e imposição corporal é uma das habilidades inerentes ao *K-Cover* em Belém.

Ao final desta primeira seção, passo a comentar as demais. Sendo que na segunda seção apresento uma visão macro para uma visão micro acerca do *K-Pop* no mundo e em Belém do Pará.

No entanto, meu desejo pessoal com esta pesquisa é desmistificar que o único saber válido são os saberes das danças acadêmicas. Para isso, na terceira seção elegi as estratégias metodológicas autônomas do saber-fazer, desenvolvidas pelos artistas inseridos na cultura do meio *cover* em Belém, por meio de registros da prática na dança *K-Cover*. Estratégias metodológicas advindas da própria vivência e do contato com a dança através de vídeo, com a aplicação diretamente no corpo.

Na quarta seção desta pesquisa apresento a espetacularidade na dança *K-Cover* pautada em três processos artísticos (*Mic Drop*, *Cherry Bomb* e *Wings*), dentre

eles, breves comentários meus e imagens comparativas entre a imagem pretendida e a imagem alcançada.

Ao fim da pesquisa, foi possível constatar a consolidação de uma “tradição inventada” em Belém, que conta com a mistura da cultura sul-coreana com o corpo de uma artista *K-Cover* amazônida. Verifica-se que o *K-pop* segue o modelo pop norte-americano, vê-se na divulgação na Internet tanto pelos fãs como pela Indústria coreana a maior contribuição para a expansão mundial, fazendo dele um produto que reflete a sociedade contemporânea.

## 2. K-POP: HISTÓRICO E TRAJETÓRIA EM BELÉM DO PARÁ

### 2.1 Breve histórico do K-Pop

Inicialmente eu gostaria de fazer um breve apanhado histórico acerca da emergência do gênero musical *K-Pop* (ou Pop Sul-Coreano), sua popularização dentro da *Hallyu*, ou “Onda” Coreana, que ganhou destaque na última década do século XX e foi impulsionada pela Internet e, principalmente, pelas mídias sociais atingindo o Ocidente. Primeiramente, o que seria *K-Pop*? *K-Pop* é um gênero musical originado na Coreia do Sul, que se caracteriza por uma grande variedade de elementos audiovisuais, aliado às coreografias de efeito, existindo em sua maior parte grupos à solos. Historicamente, o gênero a priori não denominava-se *K-Pop*, embora represente todos os gêneros de “música popular” dentro da Coreia do Sul, o termo é

Figura 1 - Seo Taiji & Boys(1992)



Fonte: [https://m.imdb.com/name/nm10865600/?ref\\_=nm\\_mv](https://m.imdb.com/name/nm10865600/?ref_=nm_mv)

v

*debut* (estreia) de *Seo Taiji & Boys*, um dos primeiros grupos existentes de *K-pop* que foi registrado e formado em 1992. O *Seo Taiji & Boys* estreou consigo uma das mais

usado mais frequentemente em um sentido mais restrito, para descrever a forma mais moderna da música pop sul-coreana, que consegue abranger estilos e gêneros incorporados com os do ocidente como mas atualmente ele conta com a mescla entre os gêneros distintos, porém com a mistura de cada um na medida certa como *Pop*, *Rap*, *Reggae*, *Reggaeton*, *Hip Hop*, *Dance*, *Bachata*, *House*, *Clássico*, *Rock&Roll*, *R&B*, *Contemporâneo*, *Country*, além de suas raízes tradicionais de música coreana como.

Como dito anteriormente, o gênero destacou-se a partir do

significativas características dentro do mundo *K-Pop*: o *Idol System*, ou “sistema de ídolos”, normalmente divididos em *girl groups* (grupos femininos), *boy groups* (grupos masculinos) ou *mix groups* (grupos mistos de homens e mulheres). O termo *Idol System* se refere à união da “produção” com a “administração” com o objetivo de treinar aspirantes (os chamados *trainees*) à *idols* da música com todo aparato necessário para que eles desenvolvam cada vez mais suas habilidades com a finalidade de alcançarem não apenas o sucesso, como maiores vendas. Ainda com essas mudanças, a música popular coreana só conseguiu expandir-se verdadeiramente com a Hallyu ou Onda Coreana. A classificação foi dada por jornalistas japoneses, em 1999, quando o *K-pop* e todos seus produtos ultrapassaram a barreira da música, como a moda, e invadiram culturalmente o território nipônico.

Seu processo experimental realizado com diversos estilos de música permitiu uma reestruturação da cena musical na Coreia do Sul. Como resultado das experimentações, a integração de elementos musicais estrangeiros tornou-se uma prática comum aos artistas de *K-Pop* da atualidade. Alcançando a popularidade no final da década de 1990 e entrando no mercado de música japonês iniciado o século XXI. No final dos anos 2000, cresceu de um gênero musical comum entre adolescentes e jovens adultos pertencentes ao Oriente e Sudeste da Ásia, para uma subcultura.

Segundo uma pesquisa feita em 2021 pelo site TAB UOL sobre as estimativas de rendimentos anuais da indústria do *K-pop*, tendo como base o grupo masculino BTS, da empresa *BigHit Entertainment*, em conjunto com todos os grupos participantes da *Hallyu* coreana, o gênero musical incrementa pelo menos US\$ 3,5 bilhões anuais do PIB (produto interno bruto) da Coreia do Sul, porém há dados em que já beiram US\$ 5 bilhões. Atualmente, com o advento dos serviços de mídias sociais online, ocorreu uma espécie de “reforço” de disseminação global do *K-pop* e uma readaptação do entretenimento coreano para cair nos gostos de outros países e culturas.

*Hallyu* é um neologismo referente a popularização da cultura sul-coreana a partir dos anos 1990. O termo foi originado pelos jornalistas de Pequim, que se surpreenderam com a crescente popularidade da cultura sul-coreana na China. Este fenômeno foi referido mais tarde como “*Hallyu*”, que significa “fluxo” ou “onda”

Coreana. Isso foi ainda mais impulsionado pela exportação de dramas coreanos, como *Autumn in My Heart* (2000) e *Winter Sonata* (2002) lançados nesse mesmo período.

Figura 2 - K-Drama *Autumn In My Heart* (2000)



Fonte: <https://www.pinterest.ch/pin/421297740111570943/>

É de extrema importância que você, leitor, compreenda que o *K-Pop* está longe estar incluído no nicho de sucessos espontâneos, já que veio sendo lapidado como projeto geopolítico desde o final dos anos de 1990 e ainda hoje continua com altos níveis de investimentos e padrões extremamente rígidos para que cada dia ocorra uma maior

propagação e acessibilidade de conteúdos através das redes sociais.

Mesmo com a relevância que o *K-pop* ganhou no final dos anos 90, ele tinha suas limitações, mantinha-se ao leste e sudeste da Ásia. A Terceira Onda Coreana, iniciada em 2005, já com um *Idol System* alicerçado, persistia com a necessidade de atingir mercados ainda não alcançados. A estratégia de marketing aliada intimamente à Internet possibilitou ao *K-pop* chegar a lugares que antes jamais sonharia marcar presença. Por exemplo, o *MV* (vídeo musical) da canção “Gee”, da *girl group* (grupo feminino) *Girls Generation*, postado no canal da *SM Entertainment* no *Youtube* (que já conta com mais de 30 milhões de inscritos recebendo notificações diárias de atualizações do canal) há mais de doze anos atrás,

Figura 3 – K-Drama *Winter Sonata* (2002)



Fonte: <https://alchetron.com/Winter-Sonata>

já está perto de alcançar mais de 300 milhões de visualizações. Não apenas isso, como também hoje em dia boa parte dos ídolos do *K-pop* possuem perfis pessoais ou do grupo que participam no Instagram e nas demais redes sociais, onde atualizam esses perfis através de postagens e *lives* ou *live streaming* (que são, nada menos que ferramentas disponibilizadas por algumas redes sociais, senão todas, para a transmissão de vídeos em tempo real, o famoso “ao vivo”). Diminuindo assim, a distância entre ídolo e fã, extinguindo a ideia do artista ser inalcançável, tornando-o acessível.

Com o surgimento de novos *girl groups* e *boy groups*, as mídias sociais desempenharam de maneira ímpar a expansão do gênero ao incentivar o público a compartilhar músicas, fotos e vídeos mundialmente. O cenário ganhou mais possibilidades quando as agências procuraram atingir públicos diferentes. Trainees estrangeiros foram contratados para facilitar a aceitação dos grupos em outros países além de contribuir no aprendizado de idiomas.

O valor agregado ganhou importância na seleção dos futuros ídolos e qualquer talento a mais é visto com bons olhos para não se limitar ao “dançar” e “cantar”. Costumo dizer que os artistas coreanos devem ser percebidos como artistas completos, com extrema adaptabilidade em qualquer meio que for inserido, tanto no seu próprio nicho como fora dele. Hoje o *K-Pop* encontra-se totalmente adaptado ao capital globalizado e, por conta dele, conseguiu atingir a magnitude em que está hoje.

De acordo com estrutura de mercado mundial, sem barreiras para serem ultrapassadas e sem grandes meios de resistência, o pop sul-coreano é inclusivo e valoriza a diversidade até certo ponto. A língua inglesa também fortaleceu o apelo do *K-pop* e em conjunto com compartilhamento de vídeos no site Youtube pode ser avaliado que o gênero atingiu a mundialização e o sucesso. Fato que posteriormente, pode provocar um paradoxo ao aumentar o círculo de consumo.

Essa transformação na estrutura anda de mãos dadas com a música produzida atualmente. Se no primeiro momento o *K-pop* não apresentava abertura a outros estilos, a mundialização promoveu uma música híbrida que é fruto do encontro com o hip-hop, pop, rock, R&B e eletrônico, como já foi dito.

Como fã, acho de extrema importância salientar que dentro da indústria do *Idol System* não é todo esse mar de rosas, pois um corpo fora dos padrões da indústria sempre foi e continua sendo um tabu e sendo motivo de discriminação e exclusão de determinados ídolos. Embora diversas características marquem o *K-Pop*, as mais

relevantes e atraentes aos alheios são os refrões viciantes e o ritmo pop que domina a maior parte das músicas do gênero. Isso sem contar o uso da língua inglesa que atraiu mais adeptos e mesmo com a adição do inglês nas músicas e a moda mais ocidental, a Coreia acaba criando sua própria identidade. A correlação entre cultura e economia, que determinam o *K-pop* como produto, não é instantânea e, por isso, a música não se transformou em produto cultural em um primeiro momento. Há uma divisão muito delimitada que mostra a evolução da história cultural de uma sociedade e a evolução do arcabouço capitalista. “Essa ligação que faz surgir a mercantilização da cultura passa por sua mundialização, em que uma civilização necessariamente tenha se globalizado anteriormente” (1994, p.14).

Os fomentadores para que esse encontro entre cultura e economia ocorra são os grandes empresários das gravadoras, que começaram a ter uma visão industrial do meio musical produzindo em massa. Eles são o que Ortiz (ORTIZ, 1994, p.23.) chama de “artífices mundiais de cultura”, que foram forçados a tomar uma posição para implantar uma cultura-mundo. A cultura coreana passa ao largo da polaridade estática e procura uma ligação com o exterior, por exemplo, pelo uso da língua inglesa.

Uma ligação que aproxima as diferentes civilizações e cria um campo de cultura comum/global entre elas, mas que jamais fará desaparecer os hábitos locais. Essa aproximação entre as culturas é um dos indicadores do processo de Globalização, que para Featherstone(1991) tanto integram quanto desintegram culturalmente e ultrapassam os limites nacionais e se lançam a nível global.

Ultrapassando a dificuldade idiomática, o Pop Sul-coreano alia a velocidade e movimento para se alastrar no mundo com as tecnologias da *Web 2.0*. Mesmo com esse empecilho ele se mostra dinâmico, possibilitando novas relações de consumo, que reordenam socialmente e apresentam uma cultura híbrida, própria da diversidade pop, em que “ao consumir também se pensa, se escolhe, se reelabora o sentido do social” (CANCLINI, 1996, p.30). Na estrutura de mercado mundial, sem fronteiras para serem rompidas e sem meios de resistência, o pop coreano é inclusivo e valoriza toda a diversidade, que avança sem limites.

A cultura ocidental encontra-se desgastada e abrindo espaço para o questionamento de seus elementos e para um possível colapso dos paradigmas atuais em uma Coreia do Sul carente de um novo marco na música popular. O *K-pop* chega para ocupar este espaço com seu som e referências culturais. No mundo

globalizado, pluralizam-se as identidades e elas ganham novas possibilidades entre o “global” e o “local”.

Ao invés de limitar elementos de outras culturas na sua formação ou mesmo substituir os valores nativos, o *K-Pop* adiciona à equação elementos como a dança robotizada, o vestuário extravagante e americanizado e refrões em língua inglesa. Coreograficamente falando, o gênero atingiu o ápice do seu hibridismo enquanto consegue atravessar por culturas brancas europeias às culturas negras do continente africano, com movimentos específicos de cada cultura sem perder o contexto geral e a bagagem do corpo oriental.

O *K-pop* tomou forma no seio da comunidade coreana e traz traços únicos. Porém para desempenhar a função de atração dentro de um mercado com disputa acirrada, como o de música, e também divulgar a cultura sul-coreana, modificações deveriam ser feitas. Algumas 28 tradições deveriam ser “inventadas” (HOBBSAWN,1983). “Essas transformações vieram com a apropriação de elementos externos à sua cultura, como o vestuário e costumes dos artistas até o tipo de mixagem da música, para criar gradativamente ao longo desses vinte anos de crescimento do K-pop um formato para o consumo globalizado” (CANCLINI, 1996. p.35).

O mundo ocidental não apresentou resistência ao pop sul-coreano e a proatividade dos fãs na Internet só auxiliou para que o reconhecimento do estilo fosse mais rápido. Característica otimizada pelo fato de o Youtube não ser um sistema fechado e permitir a incorporação de conteúdo em outros sites, como blogs (BURGESS E GREEN, 2009). A cultura compartilhada pelos fãs de *K-pop* é de grande valia. Muitos deles possuem o costume de tentar reproduzir as coreografias que seus ídolos fazem nos clipes e, invariavelmente, gravam essas performances e compartilham no Youtube.

## 2.2 *K-Pop* aterrissando em Belém do Pará

Agora deixando um pouco de lado o contexto geral e passando a falar num âmbito mais restrito, mais específico em Belém do Pará, quando o assunto é *K-Pop*, principalmente sobre seu surgimento por terras amazônicas, visto que não há registros, é quase sempre uma dúvida, uma verdadeira lenda.

Segundo algumas músicas tornaram-se conhecidas nas redondezas por conta de uma máquina de jogos eletrônicos chamada *PUMP It Up*, onde o jogador tinha dezenas de opções ao alcance de seus pés (sim, os pés), já que o controle *joystick* era uma grande plataforma com 4 setas com um quadrado ao centro.

O objetivo principal do jogo seria acertar o máximo possível das combinações durante as músicas e claro que o jogo contava com diversas variações e dificuldades de atingir o objetivo. Há uns 20 anos atrás podíamos encontrar tais máquinas em determinadas áreas de jogos dos shoppings da cidade. Lembro-me bem das lojas Visão no *shopping* Iguatemi (onde hoje é o *shopping* Pátio Belém) e da empresa *Amazon Fantasy* que se distribuía por outros dois *shoppings* da cidade de Belém.

Figura 4 - Garotas jogando *PUMP It Up*



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=o01dR5W8gGs>

De acordo com o boom da *Hallyu* aqui no Brasil, os dançarinos covers de *K-Pop* de Belém apresentaram-se tímidos nos primeiros anos, emergindo em meados

de 2008 a 2013, atualmente o estado do Pará já conta com mais de cinquenta grupos covers não apenas na região metropolitana de Belém, mas também nos municípios mais afastados da capital, como Altamira, Marabá, Santarém e Castanhal.

Os grupos dividem-se por idade ou por habilidades específicas distribuindo-se em pedaços e points na cidade de Belém específicos quando o assunto é local para ensaios. Os principais pontos de encontro são: Centro Arquitetônico de Nazaré, Parque da Residência, Centro Cultural e Turístico Tancredo Neves, Praça Batista Campos, Porto Futuro.

Como não existe uma organização para definir um local específico e com aparatos necessários para o aprendizado coreográfico, alguns grupos escolhem alugar salas de dança e outros por ensaiar em locais públicos, que possuam ou não espelhos, mas que seja seguro para a permanência por tempo indeterminado durante todo o período de ensaio. Pesquisas feitas por mim mesma com base na observação, foi possível constatar que a faixa etária entre os grupos tem ficado cada vez mais jovens, podendo perpassar dos 9 aos 30 anos de idade.

Através dessas reuniões em locais definidos de maneira involuntária, acabou-se por “inventar uma tradição”, uma nova cultura jovem, o *K-Popper*. Segundo Hobsbawn (HOBSBAWN, 1984, p. 316), “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade, em relação ao passado.

As “tradições inventadas” são reações a situações novas que ou assumem a forma de referências a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através da repetição quase que obrigatória. É o contraste entre as constantes mudanças e inovações do mundo moderno e a tentativa de estruturar de maneira imutável e invariável ao menos alguns aspectos da vida social que torna a “invenção de tradições um assunto da história contemporânea.” (HOBSBAWN, 1984, p. 316)

Antes de darmos início e como o gênero se difundiu entre os jovens de Belém, precisamos lembrar o que seria o *K-Pop* ou Pop sul-coreano. Trata-se de um gênero híbrido que bebe em diversas fontes, principalmente de dança urbanas, como: *Hip Hop*, *Vogue*, *Dancehall*, *Afrobeats*, *Waacking*, entre outros gêneros encaixados de forma tão natural capazes de dar vida a esse gênero tão singular. A maior parte das influências coreográficas vem das danças urbanas, acabo refletindo mesmo que

involuntariamente o quanto danças de rua ou danças vernaculares tidas como marginalizadas precisaram percorrer para serem utilizadas apenas como um objeto de adorno para elite sul-coreana.

Inclusive, acredito que valha à pena ressaltar o quanto essa indústria de *idols* é latente à cultura sul-coreana, principalmente a parte obscura, já que as próprias crianças já se veem sendo *trainees* de empresas famosas e onde a família investe na esperança de a criança chegar ao auge da carreira artística. Percebo que a carreira artística na Coreia do sul é um real investimento, mas não apenas visando a carreira artística, mas na formação de seres cultos e bem estudados, claro que não são todos que possuem condições de estudar música, dança, esportes, aulas de atuação e canto, mas gostaria de mencionar de maneira ampla o quanto cada *idol* possui investido em si para sair do anonimato ao estrelato e quanta pressão cada um carrega para levar honra à própria família.

Não há dúvidas que esse processo apesar de recente, já está bastante consolidado e cada dia que passa cresce de forma absurda. E falo em questões de meses, a disseminação do gênero nas mídias sociais<sup>1</sup>. Junto às mídias sociais vieram as *Trends*<sup>2</sup>, que sempre estiveram presentes do *Twitter*, porém durante a pandemia de covid-19 chegaram com uma nova roupagem no *Tik Tok* e passaram a explorar além de apenas se falar sobre um determinado “assunto” e se transformaram no assunto, com isso as *Trends* alavancaram de forma astronômica o alcance de refrões icônicos de *K-Pop*, que hoje se estabelece, predominantemente, entre os públicos pré-adolescente/ adolescente/jovem de todo o planeta. Ainda que a admiração pelo *K-Pop* e cultura sul-coreana não sejam restritos a uma única faixa etária, fica nítido quando paramos para observar a própria cena do movimento em Belém.

Os primeiros indícios de fãs do gênero *K-Pop* em Belém não possuem uma data específica, porém suspeita-se que surgiram em meados de 2003/2004. No entanto, a inclusão do mesmo em eventos de cultura asiática foi um dos marcos principais. Eventos estes onde se misturavam *otakus* (fãs de "mangás" revistas em quadrinhos japonesas e "animes" que são desenhos animados japoneses, normalmente em 2D, alguns exemplos de animes são: *Dragon Ball*, *Naruto*, *Yu Yu*

---

<sup>1</sup> Mídias sociais são toda rede que possibilita o compartilhamento, troca de informações e publicidade midiática através de fotos, músicas e vídeos. Exemplo: Twitter, Facebook, Instagram, Tik Tok e Kawaii.

<sup>2</sup> As trends nada mais são do que as tendências e destaques de assuntos mais comentados no momento, ou seja, o que as pessoas estão falando ou fazendo, podendo ser comentários escritos, danças ou challenges(desafios).

*Hakusho*, *Hunter X Hunter*, *Jujutsu Kaisen*, *Kimetsu no Yaba*, entre outros), fãs de *tokusatsu* (exemplos de *tokusatsu* são: *Jaspion*, *Ultraman*, *Kamen Rider*, *Power Rangers*, entre outros), *gamers*, *cosplays* (pessoas que se vestem de personagens), e fãs/*covers* de *K-Pop* e *K-Drama* ("K-Drama" são novelas sul-coreanas, possuem em média de 12 a 20 episódios). Alguns dos eventos de cultura asiática mais conhecidos da região metropolitana de Belém são o *Animazon no Taikai* (desde 2004) e *Anime Geek* (desde 2012).

A partir de 2010, com o *debut* (em português significa "estreia") de grupos denominados como a terceira e quarta gerações dos K-Pop, exemplos como: BTS, TWICE, BLACKPINK, EXO, Miss A, Apink, B1A4, B.A.P, EXID, Got7, MAMAMOO, Red Velvet, CLC, KARD, (G)I-dle, entre outros. Resultados de uma nítida evolução após a primeira onda *Hallyu* nos anos 90. Onde os eventos se tornaram pequenos demais para a grandiosidade que tomava forma de maneira avassaladora. Com a quantidade de adeptos aumentando a cada ano, foi perceptível entre os próprios fãs da cultura sul-coreana que necessitávamos de um espaço e eventos próprios, para apreciação e exposição da cultura que tanto admiramos.

Em Belém há mais de 10 anos já existiam alguns fãs de cultura asiática, mais precisamente japonesa e coreanas. Fãs esses que estavam tão submersos em outra cultura além da qual nasceram que já transformavam suas próprias maneiras de se vestir e comportar. As modas mais marcantes em minha memória eram a moda *Harajuku* (o estilo leva o nome de um bairro de Tóquio, no Japão, que se tornou famoso na década de 1990 devido a artistas de rua e grupos de jovens que passaram a se reunir ali. Desde então, passou a ser um ponto de referência, de encontro, se tornando o lugar perfeito para os jovens se reunirem, tocarem música e mostrarem seus estilos peculiares.

Dentro dos grupos mais identificáveis do Estilo *Harajuku* são os *Lolitas*, *Doce*, *punk* e *gótico*, o *cyberpunk* ou o *Wamono* (pessoas que usam roupas tradicionais japonesas). Embora, talvez o que mais reconhecemos popularmente como *Harajuku* sejam aqueles que se identificam como *decorar*, com os trajes e acessórios mais coloridos. A parte principal do estilo *Harajuku* é liberdade, individualidade e originalidade que os jovens projetam na escolha de suas roupas) e *Ulzzang*, que teve seu auge entre meados de 2004 e 2005, *Ulzzang* significa "melhor rosto" em coreano e a palavra é usada tanto online como na vida real.

Basicamente, um *Ulzzang* é alguém que tem um rosto muito bonito, mas o termo é usado para descrever pessoas que se tornaram populares por sua aparência na Coreia do Sul. *Ulzzangs* caracterizam-se pelos olhos grandes, obtidos pelas *circle lenses*<sup>3</sup>, pela pele de porcelana e pelas fotos na maior parte das vezes com poses “*cuties*”(do inglês “cute”, que significa fofo) com vários *aegyos*<sup>4</sup>. A maioria, porém, utiliza exageradamente o Photoshop<sup>5</sup> para afinar o rosto (cirurgia conhecida como *V line*), diminuir o nariz (rinoplastia) ou a blefaroplastia (que nada mais é o ato de “ocidentalizar o olhar, fazendo a tão famosa dobrinha dos olhos, que não é muito comum nos olhos asiáticos”) ou já fizeram algum tipo de cirurgia plástica (nos olhos e nariz são mais comuns), então pode-se dizer que são falsos. Poucos garotos e garotas *Ulzzangs* colocavam fotos de sua vida real).

O crescente aumento de fãs de culturas asiáticas, mais precisamente da cultura sul-coreana, difundiu exorbitantemente essa nova cultura readaptada em Belém do Pará nos últimos oito anos dando vida a uma nova cultura entre os jovens.

---

<sup>3</sup> Circle Lenses são lentes que aumentam a proporção da íris.

<sup>4</sup> **Aegyo** é o ato de agir de forma fofinha, quase de forma infantil (mesmo você não sendo mais uma criança).

<sup>5</sup> Photoshop é um programa de edição de imagem, capaz de editar luz, contraste, nitidez, saturação, mas também sendo capaz de modificar corpo, rosto e demais partes do corpo chegando até uma edição mais complexa

### 2.3. Eventos de *K-Pop* na região metropolitana de Belém

Como frequentadora assídua de eventos voltados para a cultura *geek* da região metropolitana de Belém e, acima de tudo *K-Cover*, gostaria de lhes apresentar alguns eventos que existem em Belém. Desde os primeiros eventos que trouxeram uma evidência maior ao *K-Pop*, nos cedendo espaço e visibilidade até os eventos exclusivos que atualmente se mostram já consolidados estabelecidos na região entre o meio *K-Cover* e simpatizantes. Normalmente os eventos *Geek* tem a duração de dois ou mais dias, em contraponto eventos exclusivamente para os fãs de *K-Pop* duram apenas um, tendo em vista os altos gastos com aluguel dos lugares onde os eventos são sediados.

Claro que cada evento conta com seus próprios quesitos avaliativos para solos, duplas e grupos. Porém alguns pontos são unânimes: como performance em equipe, interpretação expressão facial, corporal (como trejeitos e presença de palco), figurino, sincronia, domínio coreográfico e *lip sync* (dublagem da música). Assim como os requisitos as premiações também são independentes de cada evento, girando em torno do mínimo R\$100,00 reais (para solo) à R\$ 1.000,00 reais (para grupo). Alguns eventos permitem a uma mesma pessoa concorrer em mais de uma categoria, enquanto outros não, por conta de a pessoa ocupar várias categorias tirando a vez de outras pessoas de participarem.

O real diferencial atualmente é a questão de existir premiações em dinheiro para os melhores colocados, que é um feito novo entre os eventos, o que antes não nos era possibilitado (às vezes os prêmios eram uma sessão de fotos, medalhas, videoclipes, entre outros), o que não era ruim, porém toda e qualquer performance gira em torno de investimentos de estudo, tempo e, acima de tudo, de dinheiro. Apesar de praticar dança cover de *K-Pop* há mais de 10 anos, assim que iniciei, nós levávamos a dança cover como passatempo, não investíamos tanto quanto hoje em locais de ensaio, nem figurinos.

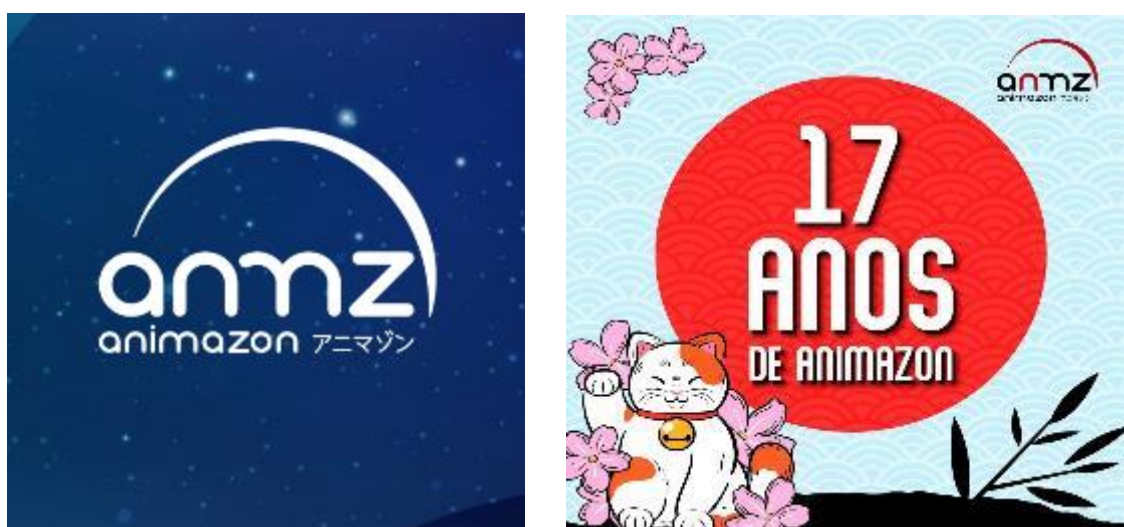
Contudo a evolução e o reconhecimento dos covers e dos eventos em si nos forçou a investir mais ainda nas produções e nas preparações para cada evento, já que o nível de concorrência também subiu, foi uma evolução conjunta e admito que necessária, tendo em vista que há outros eventos no Brasil onde as habilidades dos *K-Covers* se assemelham aos *idols* originais. Abaixo trago os eventos que considero

mais importantes e que merecem destaque, os quais participei e continuo acompanhando através das redes sociais e encontros presenciais sempre que posso.

### 2.3.1. ANIMAZON NO TAIKAI

O evento *Animazon no Taikai* iniciou-se como uma simples reunião de amigos e fãs da cultura japonesa que teve sua primeira edição oficial em 2004 e perdura até hoje (2022). O *Animazon* foi um dos primeiros eventos nos quais participei, para quem nunca participou de eventos desse tipo, vou explicar um pouco. Normalmente o evento acontece em escolas, acredito que pelo espaço já contar com a divisão de salas e facilitar a distribuição de “áreas” dentro do próprio evento.

Figura 5 - Logotipo Animazon no Taikai 2021 e Imagem comemorativa dos 17 anos de Animazon no Taikai



Fonte: <https://www.facebook.com/animazon/>

Cada espaço conta com algum tema, podendo ser de animes, mangás, jogos de tabuleiro, videogames, cinema, *Scape Room* (são jogos baseados em pistas/enigmas para ajudar a sair de uma sala, os temas podem variar, podendo ser terror ou não), *Maid Café* (é uma espécie de cafeteria cosplay, com cafés, doces, sucos, salgados, seu diferencial é que ao invés de garçonetes os pedidos são entregues por *Maids*, que são empregadas/criadas que se vestem ao estilo Lolita), RPG (sigla do inglês “roleplayer game”, são jogos de estratégia onde o jogador assume um

personagem em primeira pessoa, um exemplo de *RPG* mais famoso é o jogo *Dungeons&Dragons*).

É muito nostálgico para mim poder discorrer acerca de um dos primeiros eventos já estabelecidos como a fama que o Animazon tem na região metropolitana de Belém, já que quem frequenta esse tipo de espaço.

Como antes os eventos eram sediados em escolas, um dos poucos locais disponíveis para as performances de *K-Pop* e apresentações cosplays eram a quadra

poliesportiva, por vários anos um colégio localizado na avenida Gentil Bitencourt foi o espaço escolhido para o evento, era quase uma tradição, pois quem frequentava já conhecia o espaço.

Figura 6 - Grupo K-Cover durante apresentação no Animazon de 2012



Fonte: <https://www.facebook.com/animazon/>

Figura 7 - Apresentação cosplayer no Animazon no Taikai



Fonte: <https://www.facebook.com/animazon/>

Abaixo uma descrição disponível nas redes sociais no próprio perfil do evento pode nos dar uma visão ampla do que se trata o evento:

Em 3 de Maio de 2003, nascia o fã-clubes Animazon com a mais nobre intenção: unir amigos e fãs de anime, mangá e tokusatsu, para trocar idéias e compartilhar materiais entre os seus membros. O tempo passou, o Animazon cresceu e hoje é a Associação Animazon, cujo o intuito é divulgar a cultura (pop) japonesa, além de realizar eventos relacionados. Também temos espaço para a cultura alternativa, em menor escala. (Página do Animazon no Taikai no Facebook)

Quanto a evolução quando se trata de locais para a apresentação dos K-Covers com o passar dos anos nos foram disponibilizados espaços próprios para a apresentação das performances em palcos montados especificamente para as apresentações.

### 2.3.2. ANIME GEEK

Figura 8 - Logotipo Anime Geek 2022



Fonte: [https://www.facebook.com/animegeekoficial/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/animegeekoficial/?ref=page_internal)

Tendo sua primeira edição em 2012, o evento, assim como o *Animazon no Taikai*, é voltado para a reunião e diversão de fãs de jogos e da cultura asiática como japonesa, sul-coreana, chinesa, tailandesa, entre outras. Também acontece em escolas da região metropolitana, tendo sua última edição na Universidade da Amazônia (Unama) no campus localizado na BR-316.

Figura 9 - Prédio principal e espaço interno UNAMA BR



Fonte: <https://www.unama.br/estrutura-fisica/predio-principal>

O evento possui uma programação bastante diversificada para poder agradar todos os públicos, contando com shows de bandas da região metropolitana ou do Brasil, Youtubers, dubladores (alguns bastante famosos como o dublador Wendel Bezerra, que empresta sua voz para alguns personagens famosos, marcando a infância de muitas crianças dos anos 90, como Goku de Dragon Ball Z), apresentações cosplays, entre outras diversas atrações.

Figura 10 - Grupo K-Cover Bloom



Fonte: <https://www.facebook.com/animegeekoficial/photos/a.2842814692436707/2842819435769566>

Desde seu início já contava com uma área destinada aos fãs de *K-Pop* e cultura sul-coreana, além de espaços em sua programação para apresentações livres e competitivas de *K-Covers*. Em suas primeiras edições as apresentações ocorriam nas quadras poliesportivas das escolas, sem suporte, sem camarins, sem o básico que precisaríamos para uma boa performance. Mas algumas evoluções atualmente são, realmente, notáveis, como a disponibilidade de camarins ou espaços mais reservados para os *K-Covers* se prepararem com mais calma para suas apresentações e um palco de teatro para suas performances.

### 2.3.3. KPXP (K-Pop Experience)

O **KPXP** é um dos eventos exclusivos para fãs de *K-Pop*, voltado especialmente para apresentações artísticas dos grupos de K-Cover. Tendo sua primeira edição no primeiro semestre de 2019, a partir daí possuindo suas edições em locais diferentes, como o prédio da Companhia Moderna de Dança, barracão da escola de samba Quem São Eles, Cine CCBEU e Teatro Estação Gasômetro.

Figura 11 - Logotipo KPXP 2021



Fonte: [https://www.facebook.com/KPXPEVENTOS/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/KPXPEVENTOS/?ref=page_internal)

O grande diferencial do evento é que cada edição conta com um tema diferente e diferentes propostas de premiações, cada uma com seus devidos suportes, passagem de palco, camarins e funcionários de apoio sempre disponíveis para as necessidades do grupo. Alguns temas até o presente momento foram: *KPXP Awards*, *KPXP in the SUMMER*, *KPXP Old School K-Pop*, *KPXP BIG 3*.

A edição **KPXP AWARDS** funciona como uma premiação anual para os melhores grupos presentes, conta com as mesmas etapas de inscrição dos outros eventos para solo, dupla e grupos, porém com o diferencial da temática ser como os grandes eventos de premiação como o *MAMA* (na Coreia do Sul), *Grammy* e *VMA* (Los Angeles), que premiam os melhores artistas no determinado ano.

O **KPXP AWARDS** conta com as seguintes premiações: Melhor performance da noite, melhor grupo masculino, melhor grupo feminino e o *fan choice* (em português, escolha do público/fãs). Como essa edição do evento é mais voltada para os *K-Cover* que para a plateia em si, não há muitas gincanas, nem tantas interações dos apresentadores com o público, já que é mais voltada para o show e apresentação das performances.

Figura 12 - Cartaz KPXP AWARDS 2021



Fonte: <https://www.facebook.com/KPXPEVENTOS/photos/a.191477941025877/1689796331194023/>

A edição **KPXP In The Summer** foi uma edição recente, mas já modificada por conta da pandemia do corona vírus restringindo a quantidade de participantes por conta das medidas protetivas, foi uma edição de verão em um espaço voltado para as performances, banhos de piscina e descontração tendo em vista que todos os eventos tiveram que cessar suas atividades por conta da pandemia e suas medidas protetivas exclusivamente para os *K-Covers* competidores como participantes e público.

Possuindo sua transmissão de maneira remota através da rede social Instagram para aqueles que não puderam participar presencialmente na torcida dos seus grupos K-Cover favoritos. Apesar de ter sido uma edição de verão, o evento contou com todos os outros requisitos avaliativos das outras edições e contou com premiações para os primeiros lugares.

Figura 13 - Flyer KPXP In The Summer 2021



Fonte: <https://www.facebook.com/KPXPEVENTOS/photos/1872862956220692>

A edição **KPXP Old School K-Pop** nos convidou a reviver os tempos dourados do K-Pop pelo mundo, com seus grupos de segunda e terceira gerações, com coreografias menos difíceis e grudentas, foi um evento bastante nostálgico para os

fãs há mais tempo e uma forma divertida de apresentar aos fãs mais novos o que ouvíamos e dançávamos nos anos de 2008 à 2012.

Foi uma das edições mais descontraídas e divertidas por conta de todas as gincanas, balada, *K-Pop Random Play Dance*<sup>6</sup> de músicas bastantes populares da década passada e até mesmo uma cama elástica sem restrição de idade, porém de quantidade.

Figura 14 - Flyer do KPXP Old School K-Pop



Fonte: <https://www.facebook.com/KPXPEVENTOS/photos/1317104748463185>

A mais recente edição conta com a temática **KPXP BIG 3** que faz referência à famosa *BIG 3* (lê-se Big Three), as três grandes empresas de *idols* na Coreia do Sul, que são a *SM Entertainment* (*SMTown*), *YG Entertainment* e *JYP Entertainment*. A edição possuiu um contexto especial por abordar apenas apresentações e performances referentes às três grandes empresas, inclusive premiações independentes para cada empresa. A partir das inscrições de quantidades limitadas para cada empresa (até sete vagas por cada empresa), com isso o evento teria apenas os vencedores que seriam os primeiros lugares de cada empresa.

<sup>6</sup> **Random Play Dance** no K-Pop World é um compilado de refrões de músicas famosas organizadas aleatoriamente com o intuito de proporcionar diversão ao público presente.

Figura 15 - Flyer KPXP BIG 3



Fonte: <https://www.facebook.com/KPXPEVENTOS/photos/2048937501946569>

Com a temática inovadora, como de praxe do evento em questão, o **KPXP BIG 3** já conta com diversos grupos assíduos desde o primeiro evento, mas também com grupos aguardando o evento para suas tão aguardadas estreias..

#### 2.3.4. K-SUMMER

O *K-Summer* também é um dos eventos exclusivos feito de *K-Popper* para *K-Popper* e pelo qual tenho enorme carinho e admiração, mesmo sem nunca ter participado competindo, porém já pude presenciar como público e observar comentários dos competidores quanto à suporte à artistas, oferecendo estruturas com condições que apenas um evento próprio do nicho pode oferecer, por conta disso, nunca chegou ao meu conhecimento reclamações de nenhum tipo sobre o evento. O *K-Summer* teve sua primeira edição em 2016, onde pude estar presente para prestigiar os amigos que se apresentariam no evento.

Figura 16 - Logotipo K-Summer



Fonte: <https://www.facebook.com/ConcursoKSummer/photos/a.1697520677154988/3267197536853953/>

Tive o enorme prazer de entrevistar (por meio de um aplicativo de mensagens instantâneas) os organizadores Andrey Lima e Erison Fernandes (que me permitiram divulgação nesta pesquisa para fins de conhecimento e divulgação do evento), os

quais também são *K-Covers* há bastante tempo e possuem uma carreira sólida no meio artístico em questão. Acolheram e apoiaram a iniciativa desta pesquisa com todo carinho. Bastante sinceros e de corações abertos para responder cada pergunta do meu questionário, onde aqui disponibilizarei algumas respostas, que foram efetuadas em conjunto, por isso acabo não especificando o autor de cada resposta. Apesar disso, eles me deixaram claro que cada respostas é uma mistura das opiniões de ambos de forma unânime e concordante.

Minhas perguntas giraram em torno das dificuldades de produzir do zero um evento de porte médio, às vezes sem aporte financeiro até mesmo ao que disparou essa necessidade de organizar um evento exclusivo de *K-Cover*. Abaixo trago o relato sobre quando e como foi a primeira edição do evento, o propósito e quais situações foram disparadoras se tornando o pontapé inicial dando vida a um dos eventos mais influentes da região:

*O primeiro K-Summer aconteceu no dia 21 de agosto de 2016, no Teatro Waldemar Henrique. Mas pra ela acontecer foi uma luta constante pois não tínhamos fundos suficientes, apenas a ideia e o sonho de realizar, como estava fazendo faculdade comecei a vender salgados na minha sala e em algumas adjacentes pra arrecadar o valor do espaço e dos equipamentos que iríamos utilizar, e como dinheiro dos participantes sendo revertidos para eles mesmos em forma de premiação e lanches, o Erison (meu namorado) e a Elizethe (minha mãe) foram decisivos para que o evento acontecesse e eu tivesse um suporte enorme para fazer acontecer.*

*O propósito do evento na época e até hoje é poder trazer um espaço para o público K-Popper onde eles se sintam valorizados e tenham uma boa estrutura para apresentar o cover que passam meses ensaiando por amar essa cultura. Na época pra que a ideia surgisse na minha mente foi por conta das salas mal organizadas e dos concursos em eventos grandes que tratavam os mesmos com descaso, onde participantes se arrumavam em banheiros muito sujos e sem uma boa estrutura, mas o estopim da ideia para o K-Summer foi quando prestes a fazer uma apresentação em um dos maiores eventos de Belém (em 2014) o meu grupo foi destrutado de uma tal forma, gritaram conosco lá de cima com o público todo vendo a cena e nos impediram de competir, nos fazendo dançar ao final de todas as outras apresentações e sem valer nada. Dançamos pelo esforço, mas chorando em cima do palco. (Erison Fernandes e Andrey Lima. Entrevista concedida em 04 de junho de 2022).*

Além de toda minha curiosidade finalmente estar sendo sanada após minha participação em tantos eventos, me senti extremamente privilegiada por estar trazendo à tona a dificuldade de uma classe atualmente pouco conhecida, mas que

ainda sem nenhuma formação nas áreas de evento, marketing ou administração, pois iniciam apenas com coragem e a motivação de entregar os melhores resultados. Uma das principais situações que trouxe para esta pesquisa além do público K-Cover, é como pelo menos um desses eventos funciona.

A seguir, trago parte do depoimento sobre como surgem os conceitos de cada evento, como funcionam os requisitos de pontuação e quem são os jurados responsáveis pelas avaliações de todos os solos, duplas e grupos durante o evento:

*Antes de lançarmos a ideia do evento vamos conversando ao longo dos dias, vendo se não teremos feriados ou eventos que atrapalhem ou dividam o nosso público, mas o que define mesmo é a disponibilidade de datas do local que pretendemos realizar, como de costume o Waldemar Henrique. Nós realizamos a divulgação já com a data com uns 3 a 4 meses de antecedência para poder realizar as inscrições dos participantes, arrecadar os fundos para melhorar o evento e afins. Eu geralmente fico mais em contato com o público e as divulgações, o Erison fica responsável pela parte técnica do evento quanto a som, iluminação, teasers e de tudo um pouco, e a Elizethe (minha mãe) fica responsável pela parte alimentícia produzindo aos lanches que disponibilizamos para quem participa do concurso e também para as pessoas que desejam consumir no local algo do tipo. Também não posso esquecer das dezenas de pessoas que já me ajudaram ao decorrer dos anos seja com um patrocínio ou sendo voluntário para auxiliar em tarefas no dia do evento, essas pessoas entendem o propósito do nosso trabalho e fico feliz que elas também gostem da energia que o K-Summer passa.*

*As pontuações são divididas em 4 categorias onde cada uma vale 2,5 pontos, dentre elas desenvolvimento, sincronia, cover/presença de palco e figurino. Trabalhamos com 3 jurados, após as avaliações recebemos as notas de cada jurado que são somadas e realizamos a média geral para verificar os ganhadores. Os jurados passaram por um longo processo de adaptação desde o primeiro K-Summer, mas felizmente atualmente conseguimos manter uma bancada com pessoas da área da dança, mas que também possuem uma vivência considerável no meio cover de K-pop, são eles: Hian Denys, Monique Amaral e Amália Carolina. Além de serem ótimos profissionais também são meus amigos e assim como tento ajudar o K-Pop a crescer e ter visibilidade, seria legal trazer essa mesma visibilidade aos nossos amigos e artistas locais que tentam viver desse sonho não só do K-Pop mas da arte de dançar. (Erison Fernandes e Adrey Lima. Entrevista concedida em 04 de junho de 2022).*

Com o aumento exponencial de público K-Cover, questioneei quais eram as expectativas para o futuro do evento, tendo em vista o reconhecimento entre o meio K-Popper e a valorização do próprio evento como fomentador da cultura K-Cover,

trazendo ainda mais adeptos para essa cultura tão recente, mas que se espalha de forma viral através das redes sociais.

Abaixo trago como os organizadores vislumbrariam o evento nos próximos anos, contudo, com o entreposto da pandemia que ainda estamos passando, Andrey e Erison viram vários de seus planos precisando aguardar e muito do que já estava anteriormente planejado precisou ser recalculado, como exemplo os gastos e economias do evento seguinte (que viria antes da pandemia), o evento já está contando com uma segunda edição no ano de 2022, em julho, já que a primeira ocorreu em janeiro do mesmo ano.

*Nossos planos eram tremendos e desde o começo a ideia central era manter num teatro com toda a sua arte e beleza, até hoje sonho em ter uma cortina vermelha no palco para revelar o grupo (risos), idealizamos o teatro da paz na época como sonho master pois geralmente só eventos renomados e de outras culturas aparecem ali então já pensastes ter K-Poppers frequentando um lugar tão lindo e rico pra nossa cultura, além de ter um palco imensurável que agregaria valor a todas as danças apresentadas, mas infelizmente a pandemia veio e quebrou muito nossas expectativas, então em 2022 finalmente conseguimos começar do 0 mais uma vez, mas não tão "zero" assim pois as pessoas já nos conheciam e tinham muitas expectativas para o nosso retorno, mas acredito que com o passar do tempo iremos continuar realizando os nossos sonhos e de muita gente que ainda pretende passar pelo nosso palco e poder ser visto pelos amigos, pais, tios e afins, mostrando que o K-Pop tem público e tem seus encantos. É muito gratificante ter nosso trabalho reconhecido, até porque o evento surgiu de frustrações que nós tivemos com outros eventos, o que nos fez perceber como queríamos ser tratados e tratar esse público que vive se sacrificando pra levar algo bonito para o palco, ainda me assusto as vezes ao perceber que o evento já tem 6 anos, sendo atualmente o evento só de k-pop mais duradouro e que sempre mantém sua qualidade. (Erison Fernandes e Adrey Lima. Entrevista concedida em 04 de junho de 2022).*

Tendo em vista a atual magnitude do evento, refleti quais seriam as dificuldades as quais circundam os organizadores durante o breve período de planejamento de evento, mas principalmente, como e quais os pontos para não desapontar o público dançante, tanto o participante quando a espectador.

Assim, Erison e Andrey foram bastantes concisos quando se trata de tratamento ao público, pois a maior problemática nos eventos organizados por pessoas que não estão introduzidas efetivamente no meio é não entender as reais

necessidades do público ao qual querem atender, problema esse que no K-Summer é contornado com conversas e reuniões com os K-Covers.

*Por ser um evento que para acontecer sempre deixamos meses de planejamento e muita conversa (entre a equipe, competidores e público) isso torna todo o evento mais dinâmico e sempre procuramos escutar nosso principal meio de acontecer, que são os competidores, ouvimos suas queixas e melhoramos no evento seguinte, seja em conversar sobre uma iluminação específica que alguém quer durante um momento da apresentação, seja sobre os lanches que damos aos competidores (que por sinal é o único evento que faz isso), toda essa atenção que eles recebem se torna algo especial, eles se sentem parte daquilo que nós fazemos. (Erison Fernandes e Adrey Lima. Entrevista concedida em 04 de junho de 2022).*

Uma das principais exigências que nós *K-Covers* na região metropolitana em Belém possuímos é a valorização. Como qualquer outro artista quando vê seu trabalho sendo desvalorizado, ou ele para de dançar ou se sujeita a receber migalhas, infelizmente com a escassez de bons eventos para participar, alguns da cena *K-Cover* acabam por aceitar menos que o mínimo para ser atração de um evento, mas deixo claro aqui, não se paga pra ser atração a menos que goste muito do que se faz, que é o caso dos *K-Covers*.

Fico extremamente feliz que uma parcela dos organizadores de eventos, que estavam estreando comigo no palco, reconheceram as falhas e necessidades que existem na cena *K-Cover*. Já não nos basta uma parte da quadra e as roupas cotidianas que utilizamos nos ensaios como fazíamos há 10 anos atrás. Queremos o palco, luzes, cortinas, som, piso de qualidade nos palcos, afinal, é o nosso momento! Há necessidade de espaços apropriados para exercer nossa arte e as condições mínimas de qualidade para nos organizarmos com maquiagem e indumentária para cada performance.

### 3. K-COVER: TRAJETÓRIA, VIVÊNCIAS E ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS DE APRENDIZAGEM COREOGRÁFICA

#### 3.1 Trajetória e vivência da artista-cover de *K-Pop* em Belém do Pará

A dança adentrou em minha vida paralelamente ao tempo em que as crises de ansiedade começaram. Por volta dos doze anos de idade comecei a ter constantes crises de ansiedade e depressão, que se intensificaram por volta dos quatorze e pioraram aos vinte e um anos, tendo crises diariamente. Então, vi na dança uma válvula de escape e um canalizador de emoções, que continua sendo até hoje. Posso dizer que a dança surgiu por um acaso, o Pop sempre se fez muito presente em minha vida. Muito ligada ao Pop e, posteriormente, adepta ao gênero *K-Pop*, me possibilitando mergulhar em um "novo mundo" com sua própria cultura.

Nasci na década de 1990, minha geração (também chamada de “geração Y” ou "*millennials*") foi agraciada por acompanhar à medida que crescíamos, as evoluções tecnológicas. Fomos crianças crescidas durante a transição secular, diversas influências diferentes mescladas à gêneros e estilos diferentes, musicais, *fashion*, reforma cultural, tecnológica.

A globalização foi a principal responsável, já que juntamente com ela novos hábitos foram implantados na população, novas formas de lazer, como ouvir música, ler um livro, assistir filmes, jogar, fazer anotações. Agora nós podemos fazer um pouco de cada um desses passatempos através de um único dispositivo. Não imaginávamos que em tão pouco tempo evoluiria tanto dentro de pouco mais de duas décadas (claro que ainda não chegamos aos carros voadores como nos desenhos dos Os *Jetsons*<sup>7</sup>, mas talvez, quem sabe, já estejamos quase lá).

O *boom* tecnológico que foi do celular, carinhosamente chamado de “nokia tijolão” que possuía apenas as funções básicas (de ligar e mandar mensagens de texto) de um celular do início dos anos 2000 (que poucas pessoas possuíam) ao atual e famoso *smartphone* (um pouco menos “*smart*” do que conhecemos hoje, mas os lançamentos da época contavam com câmera digital e visor colorido, o que não podíamos imaginar no início do novo século) em pouco menos de uma década. Durante minha adolescência não tive muitos pontos de acessos à internet, nem um

---

<sup>7</sup> Os *Jetsons* é uma série animada de televisão produzida pela Hanna-Barbera, exibida originalmente na ABC entre 1962 e 1963.

computador de mesa em casa, então, a única fonte de informações que tínhamos além de jornal e rádio, era a televisão (de tubo ainda, nada de Tvs de plasma ou LED, muito menos *smart TV*). Consumíamos o que nos era disponibilizado em canais abertos (na época quem possuía acesso ilimitado à canais fechados e assinaturas de TV eram as pessoas de classes abastadas, não era algo que qualquer pessoa tivesse fácil acesso como hoje com os serviços de streaming<sup>8</sup>).

Em 2009, aos 13 anos, fui presenteada com meu primeiro celular que possuía visor colorido, um *Sony Ericsson Walkman W200i*, era um dos celulares que estavam no auge entre os jovens da época e quem tinha era “descolado” no grupo. Apesar de, se pararmos pra pensar, uma adolescente da época não tinha muito o que fazer com um celular “moderno” além de tirar fotos, armazenar músicas e vídeos nos revolucionários e incríveis 256 MB de cartão de memória que suportava, no máximo, em torno de vinte músicas e dois vídeos (é até cômico refletir sobre isso, tendo em vista que hoje temos a possibilidade de armazenar informações em “nuvens” (chama-se de “nuvem” qualquer local onde o armazenamento pode conter mais de uma forma de acesso) e armazenamentos por volta de *terabyte*, que em apenas 1 *terabyte* cabem cerca de mil megabytes). Abaixo uma imagem do meu tão sonhado celular de 2009:

Figura 17 - Sony Ericsson W200i



Fonte: <https://www.adverts.ie/mobile-phones/sony-ericsson-w200i/109905>

<sup>8</sup> Serviços de streaming são aqueles que possibilitam a transmissão de conteúdos pela internet, sem a necessidade do usuário fazer download para ter acesso ao filme, música ou livro, permitindo que o serviço aconteça praticamente em tempo real.

Vale ressaltar, que só passei a ter acesso remoto de internet em casa aos 16 anos (2012), a internet discada em modem e limitada, onde tínhamos uma determinada franquia para poder “consumir”, ou seja, a internet era para os casos de pesquisas necessárias. Como todo jovem da minha geração eu também tinha perfis nas redes sociais, como *Orkut*<sup>9</sup> e *MSN*<sup>10</sup> e queria utilizá-los diariamente e isso que hoje é extremamente facilitado, na época, por volta dos anos 2008/ 2019 era o motivo de acabar em menos de meia hora toda a franquia disponível para o mês.

Apesar de hoje já ser comum o acesso remoto de internet pelo celular, ainda em 2008/2009 não eram todas as pessoas que tinham esse fácil acesso às redes de informação como *YouTube* e *Google*. Precisávamos nos deslocar às chamadas *Lan Houses*<sup>11</sup> e pagar por hora de acesso ou nos dirigíamos até a casa de algum amigo próximo que tivesse computador em casa e o acesso livre à internet ou além disso, poderíamos simplesmente “passar” via *bluetooth* vídeos, músicas ou fotos).

Com isso, quero tentar fazê-lo compreender o quão difícil era assistir vídeos completos na plataforma do *Youtube* na década passada e como eu não tinha essa possibilidade com os meios disponíveis para mim, ou seja, dependia do acesso de outras pessoas para que vídeos e músicas pudessem chegar até mim.

Em 2010 quando uma colega (que possuía uma linha de internet em casa), despretensiosamente, me fez assistir ao *MV*<sup>12</sup> da música *Lucifer* de um grupo de *K-Pop* chamado *SHINee* acreditando que eu talvez fosse gostar e, realmente, gostei. Aquela música e coreografia não saíram da minha cabeça desde aquele dia, inclusive, um adeno, me tornei do fandom<sup>13</sup> *ShaWol*<sup>14</sup> pouco tempo depois dos primeiros contatos com os álbuns do grupo.

---

<sup>9</sup> Orkut foi uma rede social filiada ao Google, criada em 24 de janeiro de 2004 e desativada em 30 de setembro de 2014. Seu nome é originado no projetista chefe, Orkut Büyükkökten, engenheiro turco do Google.

<sup>10</sup> MSN Messenger foi um programa de mensagens instantâneas criado pela Microsoft Corporation.

<sup>11</sup> Estabelecimento comercial em que é possível, mediante uma taxa equivalente ao tempo de uso, ter acesso a computadores e, na maioria das vezes, à internet, com o objetivo de pesquisar, jogar, receber e enviar mensagens eletrônicas.

<sup>12</sup> Music Video, do inglês vídeo musical.

<sup>13</sup> Fandom vem das palavras Fan Kingdom (Reino dos Fãs). Cada Fandom possui uma cor, o Fandom *ShaWol* possui a cor Água Pérola.

<sup>14</sup> Significa *SHINee World*, como é conhecido o fã-clubes do grupo *SHINee*.

*SHINee* é um grupo de Pop sul-coreano que debutou<sup>15</sup> em 2008 pela empresa *SM Entertainment* com a música *Noona Neomu Yeppeo* também conhecida como *Replay*. Sendo um grupo da segunda geração do K-Pop, era composto por cinco integrantes: *Onew* (온유) – Líder e vocalista principal, *JongHyun*(종현) – Vocalista

Figura 18 - *SHINee*, durante as gravações do MV de *Lucifer* em 2009.



Da esquerda para a direita: Taemin, MinHo, Key, JongHyun e Onew.

principal, *Key*(키) – Rapper líder, dançarino líder e vocalista líder, *MinHo*(민호) – Visual, rapper principal e vocalista e *Taemin* (태민) – Dançarino principal, vocalista líder e *maknae*<sup>16</sup>.

Cada um com personalidades, estilos e vozes bastante peculiares, atraíram uma imensa gama de fãs e popularidade, não

apenas nos países vizinhos na Ásia, mas também nos demais continentes. São conhecidos como os *Príncipes do K-Pop* possuindo uma sólida carreira na Coreia do Sul e Japão (me refiro somente a ambos, pois o grupo possui álbuns apenas nos idiomas coreano e japonês, mas é claro que eles continuam com extensa quantidade de fãs mesmo após de mais de 10 anos de estreia).

Atualmente, por um infeliz incidente, o grupo segue ativo, porém com apenas quatro integrantes (por mais que nós, do fã-clube, sigamos na filosofia *Forever Five*), o integrante *JongHyun* faleceu em 27 de dezembro de 2017, partindo de forma tão precoce e deixando não apenas o fandom, mas o mundo o *K-Pop* menos colorido. Infelizmente, essa não foi a única perda no mundo *K-Popper*.

Perguntei àquela minha amiga se poderia baixar mais conteúdos daquele grupo para que eu pudesse conhecê-los um pouco mais e foi aí que ela me apresentou

<sup>15</sup> Derivada da palavra em inglês "Debut", que significa "estreia".

<sup>16</sup> "Maknae" do coreano, é como é conhecido o integrante mais novo de um grupo.

alguns outros grupos, enquanto que eu adentrava mais ainda naquele novo mundo que fez meus olhos saltarem, pois além de artistas muito bonitos, talentosos as músicas eram animadas e coreografias fáceis (pra mim) e contagiantes.

Dois anos mais tarde no ensino médio, um colega de classe me apresentou outro grupo bastante influente na minha trajetória *K-Popper*, *2Ne1*, até então, apesar de já saber algumas coreografias (não na íntegra, pois antes os *MV* não possuíam tantas partes onde podíamos ver a coreografia da música, então eu só sabia o que tinha no *MV*).

Ao fim do meu terceiro ano do ensino médio no Colégio Impacto, aos 16 anos tive o enorme prazer de conhecer uma das minhas amigas mais queridas além ser convidada a participar do meu primeiro grupo de *K-Cover*. Naquele período a cena de dança cover em Belém a tomar uma forma mais densa e séria na região, nós éramos quatro e concordamos de aprender a coreografia de *MIROTIC* do grupo sul-coreano *DBSK* (abreviação de “Dong Bang Shin Ki”) e nos chamávamos de *DBSKG* (Dong Bang Shin Ki Girls), não chegamos a debutar, apenas ensaiamos poucas vezes e quando percebemos que não conseguiríamos nos apresentar, demos *disband* (“disband” é quando um grupo se separa e encerra suas atividades), mas a amizade continuou e tornou-se uma fonte de compartilhamento de conteúdo do universo *K-Pop*.

Figura 19 - *DBSK* em *MIROTIC*



Da esquerda para a direita: Xia Junsu, Yoochun, JaeJoong, ChangMin, YunHo.

Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/374713631469784707/>

Mais tarde em outubro de 2013, através de um anúncio de vaga e um grupo cover em um grupo na plataforma *Facebook* chamado "*K-Pop Belém Brasil*", que era uma ramificação de uma rede ainda maior (o grupo *K-Pop Brasil*) que reunia *K-Poppers* de todos os estados brasileiros e de todas as idades. O anúncio da vaga era para um novo grupo *K-Cover* ainda não debutado chamado *BLAS7ER*, fui a última integrante a entrar no grupo.

O grupo *BLAS7ER* possui um lugar muito especial em mim, nós como grupo não exigíamos nenhum requisito absurdo para fazer parte, apenas gostar de *K-Pop* e de dançar eram os requisitos mínimos. No grupo contávamos com as seguintes integrantes: Anna Nery (também chamada de *Omma*, era a Líder e quem deu o pontapé inicial do grupo, sugerindo a música e os locais de ensaio), Brenda (também conhecida como *Kasumi* ou *Appa*, era a rapper do grupo), Ana Rebeca (conhecida por *Becky* ou *Bechey*, que no início eu acreditava não gostar de mim, mas depois percebi que era apenas da personalidade introspectiva dela, acabamos por nos aproximar mais no pós-*disband*), Maryana (conhecida por *Mary* e desenhista do grupo), Amanda ( *Mandy*, prima da *Becky*, participou por livre e espontânea pressão) e Vitória (*Toya*, irmã de uma conhecida minha, era a mais nova do grupo, a *maknae*).

Nos juntamos com a meta de debutar o grupo dançando *No More Dream* do grupo *BTS*, a música foi lançada do em agosto de 2013. Não seria fácil para um grupo

Figura 20 - *BTS* em *No More Dream*.



Da esquerda para a direita: V, SUGA, Jin, Jung Kook, Rap Monster, Jimin e J-Hope.

feminino alcançar a corporeidade masculina necessária para àquela coreografia, algumas integrantes possuíam determinadas facilidades, porém nossa maior dificuldade foi atingir a sincronia mínima para uma coreografia limpa visualmente.

Sem jamais ter participado de alguma turma regular de dança, senti um real interesse em aprender as poucas coreografias que via pela tela tão pequena do celular que haviam sido me passadas via *bluetooth*, infravermelho ou baixadas do *Youtube* com tanta dificuldade. Nosso primeiro evento (e meu também) foi o *1º Campeonato Paraense de K-Pop*, que ocorreu em 16 de fevereiro de 2014, sendo realizado na já extinta em Belém, a Faculdades Integradas Ipiranga que se localizava na Almirante Barroso próxima à Avenida Humaitá que possuía um pequeno teatro experimental. Participaram do evento pelo menos 14 grupos e 10 solos e duplas.

O evento contava, não apenas com as apresentações, como também com estandes de venda de comida, acessórios, álbuns de *K-Idols*, entre outras coisas. Lembro de sentir um enorme êxtase e nervosismo por ser minha primeira apresentação da vida, não há como comparar os ensaios em público com uma apresentação em palco com iluminação específica para a apresentação. Tanto pela emoção do momento quanto por ser iniciante, não tive uma visão tão crítica acerca da organização e acessibilidade do local, mas analisando hoje, admito que o palco se tornou pequeno (largura e comprimento) tanto pro meu grupo com sete integrante e mais ainda para o grupo *Spectrum Boyz* que contava com 9 integrantes. Incrivelmente, nós conseguimos o segundo lugar geral no evento, não lembro quais eram os requisitos para pontuação (já que foi há quase 10 anos atrás). A seguir o resultado visual de figurino que apresentamos no *1º Campeonato Paraense de K-Pop* em 2014.

Preciso dizer que estávamos ali pelo simples prazer de dançar e nos apresentar, era nosso *hobby* não almejavamos pódios ou "fama" de ser conhecidas em Belém, queríamos performar nos transformando no grupo que gostávamos. Estar no palco, com um público que para nós era enorme já que nunca tínhamos nos apresentando de tal forma, foi de certa maneira extasiante.

O *K-Cover* apesar de todo o *glamour* enquanto estamos no palco, só nos traz retorno favorável se o fazemos com pessoas que gostamos e nos sentimos bem, amizade e companheirismo surgem a medida da convivência e superação das dificuldades.

Felizmente ser o centro das atenções é uma sensação muito boa, apesar de eu pessoalmente não gostar de tanta atenção voltada pra mim, mas estar ali com

peças que eu gosto, comemorando e sendo recompensada por um *hobby* foi muito satisfatório. Após isso, nós nos apresentamos mais algumas vezes, porém como toda vida adulta exige nossa plena atenção, o grupo se dissolveu, contudo, minha amizade com a Anna, Rebeca e Brenda segue intacta e já rumamos para os 10 anos de amizade.

*Figura 21 - Grupo Blas7er, pós-apresentação no 1º Campeonato Paraense de K-Pop*



Da esquerda para a direita: Mary, Toya, Anna, Amanda, Becky, Brenda, Jamille.

Fonte: <https://www.facebook.com/Blas7erOficial>

Somos pessoas com problemas familiares, financeiros, emocionais, que quando nos encontramos para fazer o que nos satisfaz e nos faz esquecer os problemas, acabamos não saindo. Por isso não consigo me “aposentar”, como tanto falo para meus amigos, é difícil ficar longe dos palcos e de me sentir capaz em pelo menos um lugar no mundo todo. Ali me sinto preenchida, como se pudesse fazer tudo o que quero e ser quem eu quiser por pelo menos alguns minutos, ser admirada e encorajada pela plateia, mas acima de tudo, por mim mesma, em um verdadeiro espetáculo. A seguir trago o olhar de Bião (2011) sobre espetáculo,

[...] falemos da expressão francesa *spectacle vivant* (Pradier, 2000, p. 38), que, em nossa opinião, se traduz mal em português para

espetáculo vivo. Na verdade, talvez fosse melhor como tradução a expressão espetáculo ao vivo, para designar aquele fenômeno que ocorre num mesmo tempo/espaço compartilhado por artistas e público, em mútua e simultânea presença, e que se constitui no cerne dos objetos de estudo da Etnocologia. O fato eventual dele também ser compartilhado por outros artistas ou espectadores, ao mesmo tempo, mas em espaços distintos, é efetivamente apenas acessório. (BIÃO, 2011, p. 354)

Ser *K-Cover* vai muito além de apenas performar e imitar, é se transformar, é reconhecer que seu local de pertencimento é onde você quiser que seja, podendo ser em locais públicos como praças, garagens, parques, mas o palco, esse é o local-fim, é onde somos quem queremos ser e é através disso e por isso, que continuo encorajando novos *covers* sempre que posso, pois somente cada um sabe das suas dificuldades e da necessidade de estar ali. Ali no palco é onde todos querem estar.

### 3.2. K-Pop Cover: Estratégias de aprendizagem coreográfica (START)

Como todo processo de aprendizagem, devemos começar da base, do básico. Quando falamos de *K-Cover* ou do próprio *cover* (já que podem existir *covers* diversos não apenas de *K-Pop*) nossa assimilação é baseada principalmente em memorização e aplicação no corpo. Nem todos que estão no meio *K-Cover* (gostaria de frisar que numa maioria) possuíram a oportunidade de frequentar aulas de dança, teatro ou interpretação cênica. Ou seja, tudo o que aprendemos já estava em nosso repertório seja por assimilação de vídeos já assistidos na internet, ou movimentos de outros fazeres ao longo da nossa vida.

Você consegue imaginar o quanto de repertório possui um corpo amazônica, criado em meio a cultura nortista/paraense com influências de brega, tecno brega, *melody*, *technomelody*, carimbó, lundu, marujada, entre outras, com ritmos e batidas marcadas, com a predominância de pés nus em contato com o solo? Admito que nem eu conseguiria imaginar que esse corpo pudesse se adaptar tão bem a esse hibridismo que são as coreografias de *K-Pop*. Entretanto, trago em seguida alguns pontos, os quais contribuíram para a facilitação de adaptabilidade onde, posso dizer, alcançou a simbiose perfeita.

Inicialmente questiono: Como pôde um país como a Coreia do Sul, que chegou à miséria financeira alcançar voos tão altos como os que está alçando nos últimos anos?

Primeiro impulsionado pela disseminação de *K-dramas* televisivos através do Leste, Sul e Sudeste da Ásia em seus estágios iniciais, a *onda coreana* evoluiu de um desenvolvimento regional em um fenômeno global, devido à proliferação de pop sul-coreano, levando não apenas a música, mas também uma cultura de moda, personalidade e dança através de videocliques no YouTube, tornando a Coreia do Sul a pioneira e um dos mais influentes “*points*” da moda e da dança atualidade.

Meados do surgimento do *K-Pop* as empresas queriam algo claro “atrair o público”, a músicas em si já fazia bem esse papel, mas assim que foi aliado à coreografia o destaque foi maior. Durante a década de 90’s, a influência de *BoyBand* norte americana era grande e a vontade de disseminação de *K-Pop* também, então, as empresas renomadas da época aliaram seus ideais junto aos artistas da época, onde a parte coreográfica não era de tão suma importância. Passados dez anos, a

imagem do *K-Pop* continuamente modificada e em processo evolutivo não deixou a desejar. As coreografias tornaram-se mais complexas e a rigidez nas seleções de pessoas aptas a cantar e dançar foi cada vez maior. Atualmente é imprescindível um grupo que não apenas dance, mas também cante, toque e atue com maestria.

Não é nenhum segredo que hoje em dia os artistas sul-coreanos são um dos mais completos quando se trata de entretenimento. A maioria deles possui um treinamento árduo durante anos para que possam receber a possibilidade de estear como um *K-Idol*. Dentre os treinos estão canto, atuação e dança. Principalmente porque os artistas sul-coreanos não fazem uma determinada coisa diante do público e, se um artista faz um pouco de tudo suas chances de falha são menores. Entretanto, não são apenas os artistas que se beneficiam com isso, as empresas ganham a maior parte do dinheiro, enquanto que os artistas ficam com a parte da fama e nem sempre foi assim.

A propagação da onda coreana para outras regiões do mundo está mais visível entre adolescentes e jovens adultos na América Latina, o Oriente Médio, Norte da África, África do Sul e Europa Oriental. Alguns exemplos de grupos que tem feito sucesso atualmente nas mídias sociais são *BTS*, *Monsta X*, *BLACKPINK*, *EXO*, *SEVENTEEN*, etc.

O processo de ocidentalização do *K-Pop* é algo notável, principalmente quando se trata de uma importação de trejeitos ocidentais, que foi o caso das danças urbanas, que quando se estabelecem na Coreia do Sul passam por uma adequação cultural própria e são devolvidos para o Ocidente de uma forma Orientalizada. O que passa por um maior processo quando se trata de um corpo amazônida de Belém do Pará, que se vê recebendo estímulos regionais, costumes norte-americanos negros, latinos e sul-coreanos.

A pós-modernidade afetou diversas áreas de diferentes maneiras, incluindo os próprios métodos de aprendizagem em dança, mais principalmente e não menos importante, a dança *cover* (que há muito tempo não era validada como gênero de dança, mas sim vista como uma cópia e hoje mostrou-se como uma dentre tantas outras práticas de aprendizagem em dança onde o praticante é autodidata). Vejo na dança *K-Cover* um meio de aprendizado autodidata que se utiliza de coreografias para desenvolvimento coreográfico e interpretativo através da dança-teatral. Mas, o que seria coreografia? Segundo Gil (2004), conceitua:

É um conjunto de movimentos que possui nexo próprio, quer dizer, uma lógica de movimento. Se nos referimos especificamente à dança, devemos acrescentar: 'um conjunto concebido ou imaginando de certos movimentos deliberados...'. (GIL, 2004, p. 67).

A dança cover é um gênero notável dentre os demais, pela simplicidade de oferecer, aos fãs de algum gênero de dança, a oportunidade de tornar-se deus ídolo pelo menos uma vez, que no caso do *K-pop* são os *bias* (lê-se “baias”, que é cantor ou cantora favorito de um determinado grupo) dos fãs. A dança *K-Cover* é de extrema versatilidade, pois o aprendizado se estabelece única e exclusivamente através de vídeos, com a ausência de um professor durante o aprendizado é prezada a similaridade coreográfica com a coreografia original.

O que não significa que não possam ser incluídos passos extras durante a apresentação final. Isso dá-se do resultado da organicidade somada aos ensaios em demasia, a coreografia fixa de certa forma, que permite ao corpo do intérprete criar em cima da coreografia existente, o que não faria ser menos cover, porém isto é um indício de que a autonomia dentro da coreografia foi alcançada. Ou seja, ainda que dois ou mais grupos apresentem-se com a mesma coreografia, apresentações distintas se farão no palco, expressões faciais, dublagem, relação intérprete-público, entre outras disparidades possíveis.

O processo de assimilação e a acomodação de experiências é iniciado na infância e se dá pelo fato de a criança não conseguir assimilar determinada situação,

por esse motivo ela é obrigada a passar pela criação de um novo esquema através de uma estrutura já disponível, passando pela incorporação de conhecimentos já anteriormente aprendidos para solucionar determinada situação.

Figura 22 - I Cant Stop Me Dance Practice Grupo TWICE



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=TPpmOzpHiE0>

Segundo Piaget (1994), as etapas do desenvolvimento cognitivo despendem-se ao longo quatro estágios, também chamadas de "fases de transição". Cada etapa é de fundamental importância para nós, artistas de *K-Cover* quando se trata de entender, memorizar e discorrer sobre caminhos de aprendizagem distintos. Por isso, decidi trazer algumas estratégias metodológicas que desenvolvemos de forma orgânica dentro da vertente, desenvolvidas pela própria comunidade de dança cover na região metropolitana de Belém do Pará.

Autodidata é uma pessoa que possui a capacidade de aprender quaisquer coisas sem o auxílio de um mestre ou professor. O autodidatismo no meio *K-Cover* dá-se pelo aprendizado por meio de vídeos de *dance practice* (vídeo da prática coreográfica, com suas formações e passos nítidos, com a ausência de cortes), em geral inicia-se espelhando o vídeo em questão e assistindo-o incansáveis vezes até a memorização, posteriormente assim que a segurança na memorização for adquirida a execução no corpo começa a tomar forma, passando pelas etapas de contagem de tempo (não é uma regra, mas a maioria das coreografias de *K-Pop* são executadas nos tempos das vozes dos cantores), até a sincronização de tempo com o restante do grupo.

Independente que quantidade de membros integrantes do grupo *K-Cover*, os seguintes métodos já foram utilizados, pelo menos uma vez, por eles: Aprender sozinho por meio de vídeos da própria coreografia espelhados, como já dito anteriormente, desenvolvendo a capacidade de aprendizado por observação, vídeo em *slow motion* (vídeo com sua velocidade reduzida), notação de figurações coreográficas, Ensaio em círculo, em duplas, individuais, onde o grupo que estabelece para, sobretudo, alcançar a autonomia coreográfica e principalmente conhecer o tempo do grupo como uma unidade.

### 3.2.1 Mirror

O que seria o vídeo espelhado, carinhosamente o chamamos de *mirror* (*mirror*, espelho em inglês), sendo este o principal meio de aprendizagem coreográfica utilizados pela maioria dos grupos dentre todas as outras de estratégias de aprendizagem?

O *dance practice mirror* é a principal forma que os *K-Covers* possuem para conseguir entender e observar a coreografia na sua forma mais evidente, tendo em vista que o vídeo *practice* não conta com cortes, muito menos embelezamentos e

Figura 23 - *I Can't Stop Me Dance Practice Grupo TWICE (Mirror)*



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=TPpmOzpHiE0>

retoques como os *MVs*, nele nós conseguimos enxergar onde começam e terminam cada passo, sincronia, formações e expressões faciais de cada integrante só que do lado certo.

Acima utilizei a coreografia de *I Can't Stop Me* (2021) do *girl group TWICE* para exemplificar esse contexto em duas

versões, a “normal” e a sua versão espelhada. Seu *dance practice* chegou em poucos dias na plataforma *YouTube* e sua versão *mirror* (providenciado por fãs) algumas horas depois. Por que aprendemos as coreografias através da sua versão espelhada? Para evitarmos aprender a coreografia para o lado errado e posteriormente termos que aprender para o lado correto. Digamos que quando assistimos a um vídeo “normal” sem estar em sua versão espelhada, nós já o observamos numa versão alterada como vemos em um espelho refletido por outro espelho, já quando o modificamos para *mirror* é como se esse espalhamento se anulasse e a coreografia fica em sua forma original. Conseguimos, assim, assimilar a coreografia para o lado correto original ao qual foi criada, mantendo assim a fidelidade coreográfica com a obra original. A seguir trago alguns estágios do desenvolvimento cognitivo segundo

Piaget (2007) que acabam por influenciar tais estratégias de aprendizado dentro da arte *K-Cover*.

De acordo com Jean Piaget (2007), que se mostrou preocupado em saber como nasce a inteligência da criança, deixando claro que a inteligência é algo que pode modificar-se, gerando ao longo do desenvolvimento da criança uma readaptação constante maior como forma de interação com o meio. Segundo Piaget (2007), todo o ser humano passa, obrigatoriamente, por quatro estágios no processo de desenvolvimento cognitivo desde a infância até a fase adulta, que são eles: **Sensório-motor** (de 0 à 2 anos), estágio esse onde Iniciamos nossa percepção do mundo, vida mental baseada em reflexos, inteligência prática, desenvolvimento físico e neurológico que permite emergência de novos comportamentos, diferenciação progressiva entre o "eu" e o "mundo"; **Pré-Operatório** (de 2 aos 7 anos), nesse estágio surge a possibilidade de corrigir ações futuras, jogos simbólicos (fantasia, sonhos, entre outros), imaginário, não domina o significado das palavras, primazia do próprio ponto de vista, período onde é quase impossível trabalho em grupo, porém já com respeito aos superiores e obediência. **Operações Concretas** (de 7 aos 12 anos), onde a criança depende do mundo concreto para abstrair, as ações são efetivadas para organizar sua realidade, o pensamento nesta idade torna-se reversível, a criança faria uso da regra da composição e da identidade, desenvolve-se a habilidade de solucionar problemas concretos e o raciocínio indutivo, havendo a necessidade de comprovação empírica de suas elaborações mentais, a criança passa a pensar antes de agir, rumo à reflexão. **Operações Formais** (a partir de 12 anos de idade em diante) onde há o desenvolvimento hipotético-dedutivo/ lógico-matemático, possibilitando o aperfeiçoamento das estruturas cognitivas em níveis elevados, principalmente pelo período de adolescência ser marcada pela libertação do real, havendo a possibilidade de recriar reflexões e teorias ao seu próprio modo (principalmente quando se trata da elaboração de teorias abstratas geradoras de transformações internas e externas).

Para a criança, trata-se não somente de aplicar as operações aos objetos, ou melhor, de executar, em pensamento, ações possíveis sobre esses objetos, mas de refletir estas operações independente dos objetos e de substituí-las por simples proposições...o pensamento concreto é a representação de uma ação possível, e o formal é a representação de uma representação de ações possíveis (PIAGET, 2011, p.56-57).

De acordo com Piaget (2007, p. 48), a primeira característica das operações formais consiste em poderem realizar-se sobre hipóteses e não sobre objetos”. A partir deste breve resumo podemos constatar a evolução do pensamento da criança, na medida a qual consegue representar mentalmente certas circunstâncias não vivenciadas por ela, porém é totalmente capaz de imaginar soluções abstratas, que exijam raciocínio lógico e concentração. O pensamento formal proporciona a reflexão no que se refere às operações e caminhos trilhados até a solução destas operações.

A aprendizagem motora pode ser definida como o conjunto de processos neurais desencadeados por treino e repetição de um determinado movimento, que resultará no desenvolvimento e aprimoramento da habilidade em questão, com relação à precisão da ação coordenada dos grupos musculares envolvidos à rapidez na execução da tarefa e à exatidão do movimento final. O aprendizado motor resulta da interação entre diversas áreas do sistema nervoso, central e periférico, áreas que se manifestam em forma de circuitos neurais complexos, fornecendo uma rede de informações que, bem estabelecidas, permitem a avaliação, organização e execução do movimento a ser realizado da melhor maneira possível. Dessa forma, permitindo uma interação mais harmônica entre o indivíduo com o meio, possibilitando ao ser humano que efetue tarefas motoras que muitas vezes parecem ser complexas, como por exemplo, dançar.

Para Piaget, o principal objetivo da educação é criar indivíduos que sejam capazes de fazer coisas novas e não simplesmente repetir aquilo que outras gerações fizeram. Isto significa dizer que a educação não pode mais trabalhar para que os alunos apenas memorizem, mas principalmente para que estes alunos além de memorizar sejam autônomos para inventar, produzir e criar novos conhecimentos, que esses alunos não conheçam somente o produto do ensino, mas participem do processo de construção do produto. (GOMES, GHEDIN, p.7)

### 3.2.2. *Slow Motion*

A segunda estratégia de aprendizagem é o *Slow Motion* (do inglês, significa movimento lento), que é quando reduzimos a velocidade original da coreografia para

uma mais baixa. Meio esse, que facilita a observação e análise de passos e mudanças de figurações ao longo da coreografia. Antigamente nos utilizávamos de programas específicos para essa alteração de velocidade, hoje alguns smartphones e até mesmo a própria plataforma do *YouTube* já conta com esse recurso. Quanto menor a velocidade estabelecida, maior a qualidade de observação de movimento (o tal do como vai e pra onde foi).

### 3.2.3. Análise Coreográfica

A terceira estratégia funciona tanto para grupos quanto para o *K-Cover* solo, que denomino nesta pesquisa como “Análise coreográfica”, que é quando um grupo se fragmenta em partes menores para se autoavaliar quanto a execução coreográfica, interrompendo ou não, ao logo da coreografia. O grupo pode sugerir execução dos integrantes individualmente, duplas, trios ou mais, enquanto que a outra parcela observa em busca de prováveis erros ou execuções opostas do restante do grupo que esteja destoando o conjunto e sincronia. Há também a variação chamada de “círculo”, onde todos os integrantes se dispõem em um grande círculo voltados para o centro, obtendo como meta a sincronização do grupo em uma mesma sequência de passos, normalmente nos refrões das músicas ou nos *breaks* (do inglês, quebrar), que é uma literal quebra/fuga coreográfica onde os passos são mais marcados com ritmo diferente (ou não) da música.

### 3.2.4. Experimentação de expressões faciais

A quarta estratégia de aprendizagem consiste no treino de expressões, faciais e corporais, saindo do âmbito individual e partindo para o coletivo. É evidente que para o estabelecimento de uma versão *cover*, apenas aprendizagem coreográfica não é o suficiente, lembro-lhe mais uma vez que o *K-Cover* é tido como um conjunto de habilidades e ainda que grande parte desta arte venha pelo aprendizado coreográfico, ela por si só não se sustenta. Por conta disso, nós artistas *K-Cover*, por meio da

organicidade devemos “emprestar” nosso corpo ao personagem e imprimir-lhe nossa releitura de personalidade através da organicidade obtida através de treinos com elementos específicos. Abaixo uma citação de Aben-Athar (2021) acerca do que seria essa organicidade,

A organicidade vem ao estabelecer um trabalho de continuidade, harmonia, integralidade e interdependência, entre tudo que se passa dentro de um espetáculo de Teatro Musical, que se faz uma arte única e cheia de multiplicidades e multidimensionalidades, por (entre outras razões) corporificar emoções que transbordam, que precisam evaporar por todos os poros. É o que conecta, entrelaça, transmuta um encadeamento de fenômenos para um fenômeno só, que é vivo: o espetáculo de Teatro Musical. Por isso, em hipótese, tal percepção sobre organicidade se manifesta no Teatro musical, pois este é uma rede complexa de saberes e criações, e, justamente, por sua complexidade, cada detalhe merece o máximo de atenção e cuidado. (ABEN-ATHAR, 2021, p.43).

Quando iniciamos nesta arte, não possuímos o costume, nem tanta habilidade de nos observar, com qual expressão exprimimos ou se estamos enviando a mensagem correta ao público. Mais uma vez o espelho se vê num lugar de importância, porém, desta vez para nos refletir e nos permitir analisar detalhes faciais que farão toda uma diferença perante a plateia. Mas para além do facial, entramos num âmbito de escuta, observação e apreensão corporal, de estudarmos trejeitos e gestos marcantes de cada personagem e, acima disso, se os executamos corretamente perante o espelho.

### 3.2.5 Notação de figuração coreográfica

A partir do momento em que a meta de observação individual é alcançada, a escuta passa a ser a nível de grupo. É de suma importância cada integrante possuir uma boa propriocepção individual para que esbarrões não ocorram durante a performance no palco. O Sistema Proprioceptivo funciona como um sexto sentido por informar ao cérebro a localização do corpo humano no espaço que ocupa, através dele conseguimos saber se nossa perna está estendida ou encolhida sem precisar olhar para ela. Claro que nenhum de nós nasce com essa habilidade de reconhecer

os espaços individuais e coletivos, mas como tudo no desenvolvimento humano, também pode ser aprendida, até mesmo as pessoas que encontram dificuldade em manter alguns limites espaciais na fase adulta. Abaixo, trago um conceito de propriocepção para que você possa entender melhor ao que me refiro:

A propriocepção, termo empregado por Sherrington, por volta de 1900 refere-se à capacidade de reconhecer a posição das articulações no espaço. Por um sistema de reduplicação em que uma via atinge a consciência e outra não, o cérebro recebe informação quanto à angulação das articulações e, daí, à posição das partes do corpo no espaço, o que leva também o indivíduo a construir a imagem do seu próprio corpo – o esquema corporal. O Sistema Proprioceptivo é de natureza neurológica que recebe informações provenientes de múltiplos sensores do nosso corpo como a pele da sola dos pés, músculos e articulações, mucosas, língua, sistema visual e sistema auditivo do equilíbrio (labirinto). Este sistema integra e compatibiliza todas essas informações e expede as ordens necessárias para as fibras musculares de todo o corpo para que estas realizem uma determinada ação.

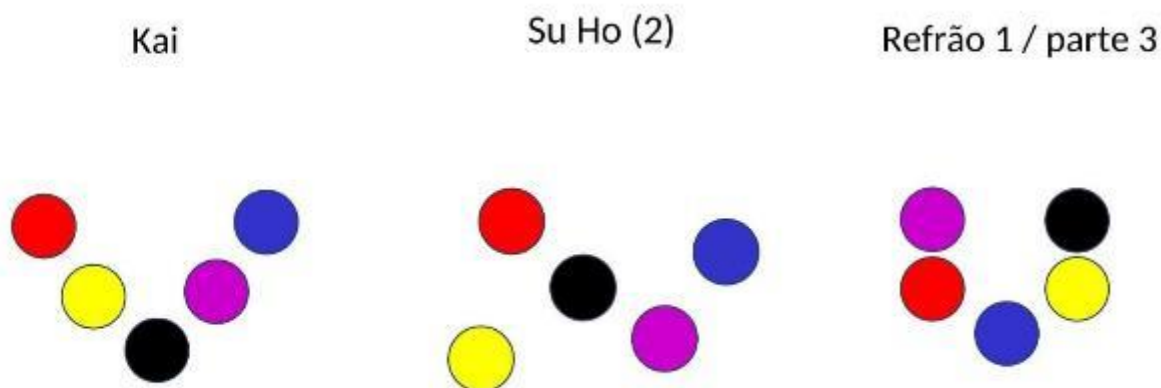
(Boletim Academia Paulista de Psicologia - Ano XXVIII, nº 02/08: 278-283)

Assim que alcançamos a expressão corporal e facial desejada, chega a hora de trabalharmos a quinta e última estratégia de aprendizagem coreográfica dentro da dança *K-Cover* as figurações coreográficas. Onde é de extrema importância total atenção à coreografia, por conta disso, recorreremos mais uma vez ao *dance practice* já falado anteriormente, nossa principal fonte de consulta e observação coreográfica.

Após esse estágio, iniciamos uma notação, com lápis e papel mesmo (podendo ser em PowerPoint também), acerca de cada momento, para onde vai e forma de figuração, desde o início até o fim da coreografia em questão. Fazemos desenhos simples, com o propósito de ser um facilitador didático podendo estar nele o nome de cada *K-Cover* ou de seus personagens para facilitar a compreensão do grupo. A seguir trouxe um exemplo de notação de figurações coreográficas da coreografia *Overdose* do grupo *E.X.O.*

Figura 24 - Notação de Figurações Coreográficas por meio do Power Point

Overdose, Grupo E.X.O



Fonte: Jamille Guimarães (Arquivo Pessoal)

Claro que nem tudo numa performance está perante nosso total controle, infelizmente alguns contratempos podem ocorrer (e como ocorrem). Porém, com essas estratégias que lhe apresentei, lhe garanto que já são mais que os suficientes para uma boa apresentação, seja ela em solo ou em grupo. Após meses de ensaio o grupo já se conhece e está estabelecido, baseado principalmente, em confiança.

A personalidade de cada um durante a performance se desenvolve, absolutamente, diante da prática e da obtenção da organicidade do movimento. Se obtém a organicidade através da própria prática, onde já se fez tantas e tantas vezes que já faz parte de si e não precisa mais pensar em qual será o próximo movimento. Através dela, acabamos por imprimir nossa personalidade na nossa dança, ainda que seja *K-Cover*, onde buscamos a similaridade com a obra original de *K-Pop*, porém não deixamos nossa essência amazônica de lado durante a performance, somos e estamos no nosso local de pertencimento.

espetáculo de Teatro Musical. Por isso, em hipótese, tal percepção sobre organicidade se manifesta no Teatro musical, pois este é uma

A partir daí, assumimos uma outra forma diante do público, de acordo com Bião, “o momento da dança é um ato de respiração coletiva extraordinária” (BIÃO, 2009,

p.35). Assumimos um outro estado de consciência, outro estado de corpo, interagimos com o público de outra forma, nos comportamos com outra personalidade, pois no momento da performance somos nós somado com as atitudes do personagem ao qual almejamos.

#### 4. MAKING-OFF: A APRENDIZAGEM E ESPETACULARIDADE POR TRÁS DA ARTISTA K-COVER

Gostaria de iniciar este último tópico desta pesquisa com uma fala bastante expressiva de Pradier (1999, p.28), “existem tantas práticas espetaculares no mundo que se pode razoavelmente supor que o espetacular, tanto quanto a língua e talvez a religião, sejam traços específicos da espécie humana”. Entendo que espetacular é tudo que possa atrair o olhar, além das ações cotidianas as quais acabamos não dando tanta importância.

Dentre todos os desafios que nos permeia ao longo dos meses durante a preparação para cada performance, o maior está lá, em cima do palco. Para Barthes (1982), “o corpo está sempre em estado de espetáculo diante do outro ou mesmo diante de si mesmo” (BARTHES, 1982, p. 651), e é justamente essa espetacularidade que nos move, que nos motiva a cada ensaio e é ela que trago nos resultados a seguir de cada performance do tópico anterior. Em cada uma farei breves comentários acerca de como foi o ápice de cada uma delas. Espero que assim como eu, você também acabe se surpreendendo com a semelhança alcançada em cada performance.

Cada *K-Cover* traz em seu corpo traços particulares como influências de samba, carimbó, forró, *technomelody*, entre outros. Essa essência não pode ser esquecida ou deixada para trás apenas por vontade, é intrínseco ao corpo assim como respirar, justamente por ter recebido diferentes estímulos durante seu amadurecimento da infância e adolescência. E esse corpo amazônica, quando nos referimos à Belém, é recheado de gestos e trejeitos únicos que às vezes não conseguimos abandonar durante a performance, porém, outros gestos e trejeitos podem se criar nesse longo caminho até a organicidade coreográfica.

No corpo estão inscritas todas as regras, todas as normas e todos os valores de uma sociedade específica, por ser ele o meio de contacto primário do indivíduo com o ambiente que o cerca. (DAOLIO, 1995, p.105)

Concordo quando Daolio (1995) diz que o corpo carrega as marcas impressas pelo meio, da mesma forma que o socioconstrutivismo de Vygotsky (1991) considerava o desenvolvimento socio-cultural do corpo por estar imerso e estimulado

socialmente em determinado meio de vivência, deixando o registro e de personalidade do indivíduo.

Quando trago o conceito de corpo através das visões de Daolio (1995) e Vygostsky (1991) reforço que este corpo *K-Cover* que transcende o espetacular é muito além de uma simples tela em branco onde expressamos um personagem neutro, com expressões neutras e gestos contidos. Somos como uma obra de arte em constante processo de aperfeiçoamento. Na situação *K-Cover* essa impressão é possibilitada através de vídeos assistidos na infância e executado diretamente no corpo, sem o mínimo de domínio corporal e de gêneros de dança, por pura curiosidade.

Depois de manifestar ao longo da minha pesquisa sobre um nicho ainda pouco conhecido na academia que é a dança *K-Cover*, gostaria de apresentar três diferentes processos meus de construção de corpo de personagem, através da dança com resultados advindos apenas da experimentação corporal. Cada qual com seus aspectos, trejeitos, expressões corporais e faciais. Buscamos, acima de tudo, a similaridade estética e coreográfica.

Marcel Mauss (1974) considera movimentos corporais como técnicas e gestos são resultado da cultura onde o corpo está inserido, passíveis de transmissão através de gerações. Afirmou também, que determinada forma de utilização do corpo se relaciona com a própria estrutura fisiológica do indivíduo. Mas, o que seria um corpo? Nessa perspectiva, trago o seguinte conceito de corpo, conforme Barbosa, Matos e Costa (2011),

O conceito de corpo remete à questão da natureza e da cultura e abre, assim, um leque diferenciado de posicionamentos teóricos, filosóficos e antropológicos. O corpo não se revela apenas enquanto componente de elementos orgânicos, mas também enquanto facto social, psicológico, cultural, religioso. Está dentro da vida quotidiana, nas relações, é um meio de comunicação, pois através de signos ligados à linguagem, gestos, roupas, instituições às quais pertencemos permite a nossa comunicação com o outro (Braunstein & Pépin, 1999). Na sua subjectividade, está sempre a produzir sentidos que representam a sua cultura, desejos, afectos, emoções, enfim, o seu mundo simbólico. (BARBOSA; MATOS; COSTA. 2011, p.32).

Por meio de todas as estratégias mencionadas na sessão anterior, traçamos um caminho semelhante em cada preparação de performance, ainda que cada uma possua suas particularidades e afinidades com a dança *K-Cover* em questão. Trago as seguintes performances de *Mic Drop*, *Cherry Bomb* e *Wings* sob minha perspectiva

como artista-pesquisadora com pontos positivos e negativos, juntamente com breves resumos acerca de cada conceito que foi apresentado.

Mas, o que seria o conceito? Dentro da comunidade *K-Popper* entendemos por *concept* (conceito) a ideia por trás de cada *MV*, coreografia, letra da música. Podendo existir conceitos diversos como *sexy* (movimentos mais sensuais), *POWER* (coreografia com movimentos fortes e marcados), *cute* (intenção de ser mais fofa possível), *Dark* (*MV* cenas sombrias e letras mais obscuras), *crush* (do termo inglês “ter uma queda”, que acontece quando o cantor/ intérprete tem a intenção de seduzir o espectador com olhares, sorrisos, combinados com letras mais românticas com intenção de conquistar), entre outros, cada um com elementos únicos e característicos.

É bastante comum, até mesmo unânime a presença de *Hip Hop* nas coreografias de *K-Pop* como forma de base mais sólida para sustentar qualquer outro elemento coreográfico de outros gêneros que venha à ser agregado à coreografia. Esse traço marcante não é algo recente, tendo em vista que sempre foi um dos gêneros de dança que se destacava no meio *K-Pop* desde os anos 90 com *Seo Taiji & Boys*.

Antigamente quem queria se apresentar não precisava de grandes investimentos, bastava vestir uma roupa que se sentisse confortável (como por exemplo, a roupa que você usa para ir ao shopping ou a uma praça, um *short jeans* e camiseta), depois de um tempo começamos a prezar por uma similaridade de cores, onde bastava que todos os integrantes usassem um mesmo tom (no caso, era o preto, se tínhamos calça e camisa preta, o figurino já estava pronto). Hoje, nós saímos em busca da melhor peça que se encaixe dentro do figurino da performance escolhida, vamos a lojas, brechós (é nesse que mais vamos, já que podemos encontrar roupas com preço mais acessível para o bolso) ou então, caso seja um figurino muito específico, encomendamos com alguma costureira conhecida para fazê-los.

A busca constante pela similaridade a obra original, tornou-se peça-chave quando se trata de *K-Cover* em Belém, tudo para que o resultado no palco seja o mais real possível, tanto para o público quanto para o *performer* (aquele que executa a performance), no que se trata de performance e performer, trago uma citação do livro “O que é Performance” de Schechner (2003):

Na arte, o performer é aquele que atua num show, num espetáculo de teatro, dança, música. Na vida cotidiana, performar é ser exibido ao extremo,

sublinhando uma ação para aqueles que a assistem. No século XXI, as pessoas têm vivido, como nunca antes, através da performance. Fazer performance é um ato que pode também ser entendido em relação a:

Ser

Fazer

Mostrar-se fazendo

Explicar ações demonstradas.

Ser é a existência em si mesma.

Fazer é a atividade de tudo que existe, dos quazares aos entes sencientes e formações super galáticas.

Mostrar-se fazendo é performar: apontar, sublinhar e demonstrar a ação.

Explicar ações demonstradas é o trabalho dos Estudos da Performance (SCHECHNER, 2003, p. 25-26).

Reforço que a partir do momento em que me apresento no palco (não preciso estar necessariamente em um palco), ocorre uma alteração de estado de consciência, a Jamille tímida abre espaço para que a Jamille personagem possa tomar conta naquele momento e performa. Cada gesto, sorriso, dublagem, olhar, quem tem a intenção de seduzir, atrair olhares e toda a atenção é o personagem se fazendo presente. Quem conquista o público é ele, o intérprete é um mero meio de comunicação entre ele e a plateia.

Com o tempo de prática, adquirimos confiança em executar movimentos mais complexos. O *Hip Hop* ditava o ritmo na maior parte dos clipes musicais norte-americanos nos anos 2000, que inclusive foram minha primeira e maior influência na dança. Videoclipes de Shakira, Rihanna, Beyoncé e Lady Gaga, que hoje são ícones e referências dentro da cena *Pop* norte americano, com a influência em nível global. A seguir trago três de meus processos mais marcantes dentro da dança *K-Cover* em Belém do Pará, cada performance em eventos e conceitos distintos.

Como já foi dito anteriormente, por alguns anos tomei a dança *cover* apenas como um hobby, assim como a maior parte dos *K-Covers*. Porém a situação mudou de figura com a especialização, adaptação e o alcance de maiores habilidades dos próprios *covers* em Belém, não apenas isso, mas as exigências dos próprios concursos foram se adaptando à essa nova realidade. Assim como tudo evoluiu absurdamente (falo por mim, já que sou do tempo onde as coreografias eram mais básicas, sem muita troca de figuração, acrobacias e sem figurinos tão específicos).

A seguir elenquei três performances entre os anos de 2018 à 2022 para destacar suas principais características coreográficas e a espetacularidade por trás de cada uma delas.

#### 4.1. Bangtan Boys/ BTS – MIC DROP (Grupo K-Cover LIMITLESS - 2018)

Em 2017 fui convidada por uma amiga, chamada Ana Letícia Figueiró, para participar de um projeto pessoal dela chamado *LIMITLESS*. Assim que entrei éramos apenas três e até o início de 2018 conseguimos fechar o grupo com cinco integrantes. Após várias discussões sobre qual conceito seguiríamos no *debut* do grupo, entramos em consenso sobre qual música dançaríamos, ainda que eu tenha influenciado a maior parte do tempo, acabamos por escolher a música *Mic Drop*, a qual dançaríamos em um evento chamado KPop4Fun que ocorreu em 27 de maio de 2018. Optamos por ela tendo em vista a sua dificuldade, mas principalmente pela força e pelo público (naquele período a música estava na lista de músicas mais ouvidas e conhecidas), portanto, seria mais fácil de levantar o público e a torcida pelo nosso grupo. Mas além disso, aumentaria nossa responsabilidade, já que sabíamos que se não fôssemos bem, as críticas já eram certas.

Para esta apresentação, mas prioritariamente, gostaria de apresentar-lhe o que é *Mic Drop*. *Mic Drop* é uma música do *boy group* sul-coreano *Bangtan Boys Sonyeondan* (BTS), da empresa *Big Hit Entertainment*, composto por sete integrantes homens (Rap Monster, Jimin, Jung Kook, SUGA, J-Hope, V e Jin).

O grupo BTS é um dos mais conhecidos e famosos grupos (senão, o mais famoso de todos) de *K-Pop*. Alia-se esse estrondoso sucesso não apenas ao avanço tecnológico, mas também a acessibilidade aos seus conteúdos disponíveis na internet. *Mic Dop* foi lançada previamente em 2017 e posteriormente incluída no álbum *Love Yourself: Answer*. A música notadamente faz alusão ao enorme sucesso do grupo alcançado até então, estando entre os feitos conquistar o prêmio de Social de Artista Superior no Billboard Music Awards, tornando-se o primeiro artista coreano a ganhar um BBMA, alcançar o sétimo lugar na lista *Billboard 200* (é um a lista que classifica os 200 álbuns mais vendidos nos Estados Unidos, publicado semanalmente), entre outros. Ganhando, inclusive, vários prêmios com a música, incluindo o *Radio Disney Music Awards for Best Dance Track*, a faixa conta com alguns gêneros musicais mais evidentes como Dance/Eletrônica, Korea Dance/ Electronic, Pop, Pop coreano.

O *MV* (music video) da música, possui sua versão remixada (“remix” é quando o instrumental ou a música em si sofre algumas alterações apresentando uma nova

roupagem e talvez um novo conceito), inclusive, contando com a presença do DJ Steve Aoki (um dos DJ/produtor de música eletrônica mais famosos do mundo) logo no início do *MV*.

*Mic Drop* vem do inglês *Drop the Mic*, termo surgido por volta dos anos 80 nos Estados Unidos que nada mais é quando alguém leva a “melhor” (seja em quais termos ou ocasiões, apresentação e discussão). Se levarmos ao pé da letra, *Mic Drop* é o ato de jogar (soltar) o microfone no chão, que possui todo um aporte histórico associado a ele.

Como já foi dito anteriormente, o termo surgiu por volta dos anos 80 nos Estados Unidos, quando o Hip Hop e o Rap começaram a ter mais espaço na cena negra estadunidense, dessa maneira, dois *rappers* subiam ao palco e disputavam entre si (em uma noite de batalha), com uma batalha de rimas, portanto, aquele que animava mais a plateia (o que em uma batalha é nítido e fácil de perceber) e conseqüentemente deixava o oponente sem rimas (resposta) era o vencedor. E como o vencedor já sabia que estava ganhando, então, para finalizar a batalha fazia sua última contribuição e ao fim soltava o microfone no chão (como se estivesse dizendo “já falei o bastante, não tenho mais nada a dizer, pois você perdeu e não vai conseguir fazer uma rima melhor que a minha”).

Sobre a coreografia, particularmente, sou suspeita para falar, pois apesar de ter me apresentado com essa música há alguns anos, ela continua no meu *hall* de favoritas até hoje, principalmente a versão remixada pelo DJ Steve Aoki. Encaixando-se no conceito *POWER* (tendo em vista que passa a ideia de confiança e poder), em outras palavras, possui movimentos contendo força, marcados na medida certa, para não serem considerados exagerados e com certa rebeldia. Possuindo elementos coreográficos de Hip Hop como *body control* (corpo com movimentos controlados), *body isolation* (movimento de partes do corpo isoladas) e alguns *steps* (do inglês, “passos”) avulsos ao longo da coreografia, também contando com algumas variações de *steps* de *Dancehall* e *Afrobeats*. A coreografia varia bastante entre os níveis, principalmente alto e médio, deslocamentos e trocas de figurações dinâmicas (tornando até um pouco difícil manter o fôlego durante a apresentação no palco).

Por conta de todos os obstáculos que já tínhamos conhecimento que enfrentaríamos, tratamos de nos preparar da melhor forma que pudemos para o grande dia de apresentação da performance. A priori o grupo deu ênfase aos ensaios individuais em casa (não é unânime, mas todos os grupos aos quais pude participar

funcionavam desta forma) até atingir a memorização de passos e formações, readaptação de figurações coreográficas e a redistribuição de solos, tendo em vista que a coreografia original conta com sete integrantes e o *LIMITLESS* contava com apenas cinco. A utilização do *dance practice* espelhado é um dos principais meios de aprendizagem no meio *K-Cover*, acredito que não apenas em Belém, pois há bastante material assim na plataforma do YouTube. Claro que nem sempre aprendíamos tudo sozinhas, admito que o suporte de grupo foi fundamental para a lapidação individual de cada integrante.

Figura 25 - Grupo K-Cover *LIMITLESS* no evento *K-Pop4Fun*



Esquerda para direita: Vitória Paes, Larissa Anjos, Brenda Viana, Leticia Figueiró, Jamille Guimarães

Fonte: Jamille Guimarães (Arquivo pessoal)

Para a prática coreográfica utilizamos alguns espaços públicos, como o Parque da Residência, localizado no bairro de São Brás e o Centur (Centro cultural e turístico Tancredo Neves) / Sede Fundação Cultural do Pará), localizado no bairro de Nazaré, mas também pudemos contar com o aparato de uma das salas de prática da Escola de Teatro e Dança, localizada no bairro de Umarizal.

Assim que iniciamos os ensaios para a apresentação de *Mic Drop*, também iniciamos as preparações de figurinos, acessórios e maquiagem. O grupo entrou em consenso que em como a coreografia é masculina, poderíamos nos vestir de forma masculina, porém, mantendo certa feminilidade, que poderia ser com peças de roupas femininas ou então, na maquiagem ou cabelo (talvez até um pouco em cada quesito).

Como tivemos pouco mais de 4 meses entre a idealização e a apresentação da performance no evento *KPop4Fun*, pudemos repensar várias vezes em cima da mesma ideia, principalmente de não acabar de forma caricata, por tanto, cada integrante forneceu ideias para nos organizarmos e cada uma sair em busca de seus figurinos e combinamos de decidirmos cabelo e maquiagem posteriormente, após concluirmos todos figurinos.

Buscamos em nossos guarda-roupas peças de roupas semelhantes, até mesmo emprestadas, quando muito difíceis de encontrar, precisávamos comprar e como as maiores lojas de departamento, tínhamos vários *shoppings* ao nosso alcance, assim como alguns brechós conhecidos. No meu caso, por conta da dificuldade em encontrar roupas semelhantes ao figurino em questão, acabei recorrendo aos *shoppings*, não só uma parte, mas o figurino completo (exceto pelos sapatos, que consegui uma bota emprestada).

Uma das integrantes, a Larissa, que possui aptidão para artes em geral, chegou a fazer uma releitura da arte manualmente através de pintura em tecido na própria camisa da performance, que possuía uma arte específica escrita “*mastermind world*” junto a uma caveira, logotipo de uma marca de roupas famosa.

O empréstimo de roupas aconteceu principalmente entre o próprio grupo, através do disparador de “quais peças encaixam no seu personagem?” e quando percebíamos que podíamos ter uma peça que interessaria alguma integrante, compartilhávamos a imagem através de um aplicativo de mensagens instantâneas.

A seguir trago imagens comparativas para você perceber melhor tudo que eu disse até o momento e analise a proximidade atingida entre a imagem pretendida e a alcançada.

Figura 26 – Imagem pretendida (MV de MIC DROP, remix by Steve Aoki)



Fonte: [https://pm1.narvii.com/6669/5b8fea90fd452f368867aea03750525ba596235e\\_hq.jpg](https://pm1.narvii.com/6669/5b8fea90fd452f368867aea03750525ba596235e_hq.jpg)

Figura 27 - Imagem alcançada (Grupo LIMITLESS 2018)



Fonte: Jamille Guimarães (Arquivo pessoal)

Perceba, além do figurino, a postura de cada integrante no que se refere a olhar e intenção corporal momentos antes de adentrar ao palco. Aqui posso dizer que já éramos os personagens, já havia uma preparação individual de estado de corpo e consciência para a performance perante a plateia.

## 4.2. NCT 127 - CHERRY BOMB (Grupo K-Cover ROYALTY - 2019)

Em 2019 fui convidada a participar de um novo projeto na cena *K-Cover* de Belém, o grupo chamado ROYALTY. A princípio o projeto já tinha uma coreografia pré-determinada e seria *Cherry Bomb* do grupo NCT 127, a segunda *sub-unit* do *boy group* NCT, da empresa SM Entertainment.

Diferente de *Mic Drop*, *Cherry Bomb* contava com mais integrantes, ao todo éramos 9, uma realidade totalmente oposta à performance anterior, até mesmo com uma maior troca de figurações ao longo da coreografia. Ou seja, o grupo teve mais dificuldade. Tivemos ao todo quatro meses de ensaio para a finalização coreográfica, mas ainda assim, até véspera do evento continuávamos ensaiando.

*Cherry Bomb* significa “bomba de cereja” ou “cereja explosiva” (se traduzidos à grosso modo), o que tinha total sentido quando assistimos ao *MV* que é repleto de cerejas. Sua coreografia era desconexa, figurações assimétricas (por não possuir organização linear, cada integrante se localizava em um ponto específico do palco muitas das vezes sem manter uma mesma direção), passos incomuns (como resultado de misturas de gêneros de dança distintos, alguns passos da coreografia não são convencionais), ou seja, tudo que nos instigava a vontade de aprendê-la. Alguns amigos me diziam até que a vontade de dançar determinada coreografia às vezes vinha de uma sequência coreográfica ou até mesmo um passo isolado, ou seja, a satisfação da performance poderia se relacionar com o todo ou com apenas uma fração de segundos.

Como dito anteriormente, grupo ROYALTY contava com 9 integrantes, dentre elas estavam Larissa, Letícia, Brenda, Frida, Nicolly, Karen, Natasha, Natália e eu. O grupo tinha um gosto unânime por coreografias masculinas, esse foi o principal motivo para a criação do projeto

Assim que iniciamos os ensaios com o grupo já completo, nosso principal desafio seria atingir a corporeidade masculina que aquela coreografia exigia, muito mais que *Mic Drop* me exigiu. Como o grupo não possuía muita afinidade no início, cada uma precisou buscar essa corporeidade à sua maneira e nos ensaios tentávamos ajustar sincronizando com o grupo e dando conselhos de como alcançá-la. Os ensaios aconteciam em sua maioria no Centur (Centro cultural e turístico Tancredo Neves) / Sede Fundação Cultural do Pará) e no Centro Arquitetônico de

Nazaré (carinhosamente apelidado de “CAN”) por conta das infraestruturas dos locais, onde o chão tinha mínimas condições de uso e o espaço era amplo o suficiente para a execução coreográfica com todas as 9 integrantes. Os espaços contavam também com segurança (guardas municipais, no CAN ou segurança privada, no caso do Centur).

Figura 28 - Apresentação do grupo K-Cover ROYALTY no Animazon no Taikai de 2019



Direita para esquerda: Brenda, Larissa, Letícia, Natasha, Nicolly, Karen, Jamille, Frida e Natália.

Fonte: <https://www.facebook.com/animazon/photos/a.3305738819453395/3305757796118164>

O grupo NCT 127 é conhecido por suas coreografias repletas de passos de Hip Hop, com contração corporal, *body control*, saltos enquanto há mudança de figuração, isolamento de movimentos, levantamentos de integrantes, com a predominância dos níveis médio e alto, contado com algumas partes em nível baixo (essa questão de níveis é bem relativa, tendo em vista que é uma coreografia disforme, possuindo apenas alguns momentos de sincronia conjunta).

Com o processo performático de *Cherry Bomb* como dito na seção anterior, foi diferente dentre todos os processos dos quais participei, para o desenvolvimento

pessoal tanto figurinístico quanto coreográfico fui obrigada a refletir qual imagem gostaria de transmitir ao público e aos jurados.

O grupo entrou em consenso a partir do momento em que decidimos a questão de figurino, foi uma questão complicada, tendo em vista que parte do grupo queria conter traços femininos no figurino e outras não, fiz parte do grupo que gostaria da fidelidade, principalmente quanto ao figurino.

Assim que o figurino base foi estabelecido, partimos para conseguir peças similares ao figurino de *NCT 127*. Nossa principal fonte de figurinos foram os brechós localizados próximos ao Ver-o-Peso, pois lá encontramos quase tudo quando o assunto são roupas para estilizar. Novamente nos dividimos em dois grupos, que contava comigo, fomos aos brechós “garimpar” peças e readaptar as mais similares que achamos e no meu caso, uma gravata.

A outra parte do grupo optou por confeccionar o próprio figurino, que foi o caso da Larissa, Natália, Karen e Nicolly que possuíam uma indumentária mais específica os quais não conseguiríamos encontrar em lojas e brechós, que no caso, eram macacões rosa, blazer branco com desenhos aleatórios e calças coloridas. Uma das integrantes, inclusive, a Larissa, optou por costurar à mão a própria calça. Me ofereci para acompanhá-la até o comércio do centro da cidade, tendo em vista que conheço bastante algumas lojas localizadas ali, onde compramos o tecido e os demais materiais que ela precisaria para a apresentação.

Quanto à maquiagem, foi um quesito ao qual estávamos mais flexíveis, precisávamos de algum indicativo de feminilidade, sentíamos isso, portanto, utilizamos delineador e sombras rosa, que remetiam à cor das roupas as quais usávamos.

O cabelo também foi outro quesito maleável, pois queríamos que cada integrante tivesse a oportunidade de exprimir um pouco mais de si além da maquiagem e o cabelo é um dos pontos mais expressivos. Portanto, reforço que apesar de sermos personagens no palco, não deixamos nossa própria essência quando estamos lá. A seguir trago imagens comparativas entre imagem pretendida e a alcançada em nossa medida financeira e no tempo que tivemos para aprontá-los.

Figura 29 - Imagem pretendida (Grupo NCT 127 - Apresentação Cherry Bomb ao vivo)



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=nC4fJNYODxw>

Figura 30 – Imagem alcançada (Grupo ROYALTY - Animazon No Taikai 2019)



Fonte: Jamille Guimarães (Arquivo pessoal)

Apesar de termos nos esforçado para alcançar a similaridade de figurino, infelizmente, na minha opinião, alguns elementos ficaram em falta. Admito que foi uma das performances mais difíceis de assimilar o corpo do personagem (tendo em vista que cada personagem possui trejeitos peculiares, sendo esse, expressão facial ou corporal) e por conta das figurações assimétricas a consulta baseada apenas por vídeo tornou-se insuficiente. Perceba nas imagens acima como a modificação de estado de corpo já se fazia presente minutos antes da performance.

### 4.3. PIXY - WINGS (Grupo K-Cover On Fleek - 2022)

Em 2021, após dois anos de um longo período sem me apresentar em público, principalmente por conta dos eventos cessados por conta da pandemia do novo corona vírus, assim que surgiu vislumbres de um possível evento fui convidada para mais uma apresentação. Dessa vez o convite veio das meninas do grupo *On Fleek*, grupo que recentemente completou 6 anos de existência. Nós nunca tínhamos tido tanto contato, falo por mim, pois no que se diz se refere à pessoas novas, sou um pouco arredia, porém a recepção que o grupo teve comigo tornou tudo mais fácil.

Os ensaios já haviam começado na semana anterior, porém quem dançaria a personagem a qual fui convidada a fazer precisou sair por motivos pessoais (que bom?) e eu entrei. Inicialmente eu faria apenas uma participação especial no grupo apenas para essa performance em específico. Mas como a vida é uma caixinha de surpresas, atualmente me tornei integrante fixa e no total somos um grupo com 6 integrantes (Amanda, Ingrid, Adriane, Yasmin “Criança” e Yasmim Dias), contudo, quando alguma integrante do grupo se mostra indisponíveis para determinado evento, acabamos indo com apenas 5 ou 4.

Logo que soube qual música teria de aprender, fui pesquisar quem eram as *PIXY* e por isso, acho importante trazer um pequeno resumo acerca da música *Wings*, que foi a música escolhida para apresentarmos no evento *KPXP AWARDS 2021* (que aconteceu em 08 de março de 2022).

O grupo *PIXY* é um *girl group* que teve seu debut em fevereiro de 2021, sendo composto por 6 membros (Ella, Lola, Satbyeol, Dia, Sua e Dajeong). A estreia foi com o *single digital* (assim chamamos quando a música é lançada apenas nos serviços de streaming, sem a necessidade de conteúdo físico como o CD) chamado *Wings* que possui um conceito *Dark Witch* e *Girl Power*, onde a história principal é um conto de fadas sombrio em que seis fadas saem em busca das próprias asas. O conceito do *MV* inteiro gira em torno disso, possuindo cenários obscuros, porém sem perder a sensualidade.

Agora partindo para uma análise coreográfica, a coreografia em si possui variações de níveis entre alto, médio e baixo, em alguns momentos perpassa por todos em questão de segundos, demasiadas trocas de transferência de peso e com giros leves e fluidos a cada refrão. Por ser uma coreografia *Girl Power* vários

elementos no próprio instrumental da música transmitem força, impacto intercalados com vocais com sustentação de notas suaves, elementos que impulsionam e desenham a própria coreografia.

Como já imaginava, assim que observei a coreografia pela primeira vez, as partes de maior dificuldade seriam as partes de nível baixo, pois dela necessitávamos de agilidade e uma dose maior de flexibilidade, pois precisaríamos fazer uma quase ponte ao mesmo tempo de soltaríamos uma espécie de grito (em consonância com a música).

Os ensaios do *girl group On Fleek* ocorriam majoritariamente aos finais de semana (como minha disponibilidade naquele período era apenas aos sábados, o grupo concordou transferir os ensaios que seriam aos domingos somente para os sábados até que ocorresse alguma necessidade para ensaiar aos domingos), como estávamos com algum tempo sobrando até o evento almejado, os 3 primeiros ensaios foram apenas com o grupo. Para a coreografia em questão fizemos uso de *staffs* (que são os dançarinos de apoio para preenchimento coreográfico quando apenas os integrantes do grupo não são suficientes) para algumas partes, assim como na coreografia original, o que acabava sendo uma dificuldade a mais já que alguns *staffs* não possuíam muita vivência no mundo dançante *K-Cover*.

Até meu primeiro ensaio para a performance de *Wings*, o grupo (e eu), cada uma em sua residência assistíamos o vídeo base que era o *dance practice* editado de forma espelhada até sua assimilação de coreografia e trejeitos. Como o grupo conversou acerca das expectativas de cada uma e quais eram suas dificuldades na coreografia em questão, achamos melhor iniciar os ensaios de forma efetiva o quanto antes.

Concordo com Pradier (1999) quando diz que espetacular é “Uma forma de ser, de se comportar, de se movimentar, de agir no espaço, de se emocionar, de falar, de cantar e de se enfeitar. Uma forma distinta das ações banais do cotidiano” (PRADIER, 1999, p. 24). Por isso, trago breves comparativos da performance de *Wings*, entre a imagem almejada e a imagem alcançada.

Acredito que por ser a minha apresentação mais recente, talvez meu carinho por ela seja um pouco maior. Portanto, minha memória afetiva a transforma em uma das melhores

Figura 31 - Grupo PIXY na divulgação de Wings em 2021



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/744360644664872807/>

performances que já tive em minha breve vida. Apesar de ter passado em minha vida como um foguete em menos de dois meses, acabou por deixar marcas permanentes em mim. Acredito que isso é a espetacularidade real da performance, não é uma questão de tempo, é uma questão de envolvimento com a preparação e motivação utilizada para a apresentação.

O figurino que escolhemos como base é o da foto ao lado (algumas integrantes optaram por outros modelos de outras apresentações, porém mantendo a cor anteriormente escolhida), nas cores roxo e preto, o tecido escolhido acabou por ser cetim, devido ao seu baixo custo e qualidade satisfatória, afinal, não estávamos buscando um figurino tão duradouro, apenas para algumas apresentações, contudo, acredito que a cor em alguns momentos tenha se modificado por conta da iluminação do local. Para a complementação de figurino, uma bota ou sapato preto.

Na maquiagem tentamos seguir o conceito da música em questão, *Dark Witch* mantendo as cores preto e roxo nas sombras dos olhos, delineador e batom. Como acessórios utilizamos alguns cintos na cor preta para marcar a cintura de alguns vestidos, correntes nos dedos das mãos e unhas postiças no formato *stiletto* (unhas afiadas em formato de garra) na cor preta para fazer alusão a garras, as quais estão muito presentes ao longo da coreografia, mantendo um certo ar de agressividade, até mesmo rebeldia.

Nós, do grupo, não vimos necessidade de modificar os cabelos (como por exemplo, alisar os cabelos cacheados ou ondulados), como forma de não apagar totalmente nossas identidades (não por não precisar, mas por não querer), pois apesar de deixarmos nossas impressões no palco, ter deixado um pequena parte de quem somos realmente nos dá ainda mais motivação e algum espaço criativo.

Figura 32 - Grupo K-Cover On Fleek KPXP AWARDS 2021



Fonte: Jamille Guimarães (Arquivo pessoal)

Principalmente porque, se despir de si não é uma tarefa das mais fáceis. Ainda que estejamos no palco representando outra pessoa, continuamos sendo nós mesmas, como já disse anteriormente, deixar transparecer traços individuais mais fortes, continua sendo parte da performance.

Acima de tudo, prezamos além da semelhança dos figurinos, o principal, que é a similaridade coreográfica e presença de palco ao longo da performance, a seguir trago imagens comparativas de imagens retiradas durante a performance original e do grupo *On Fleek* para que você compreenda ainda mais o percurso e a espetacularidade que se faz presente no palco.

Figura 34 - Imagem pretendida (PIXY Apresentação ao vivo)



Fonte: [https://www.youtube.com/watch?v=3yi\\_TFXvuds](https://www.youtube.com/watch?v=3yi_TFXvuds)

Logo no início, a coreografia nos exige um estado de transe, como se estivéssemos em um pesadelo e tentamos acordar de qualquer forma. Baseada nisso, trago o conceito de estado de consciência, seja ele alterado ou modificado de Bião (1990, p. 132- 142) onde ele diz que “de consciência, frequentemente associados, por exemplo, ao transe, ao êxtase e à possessão”. Intrínseco a isso, não há como dissociar corpo e mente, por isso, sempre que falo de estado de consciência, também o associo ao estado de corpo, já que não há um sem o outro dentro da Etnocologia, principalmente quando é inerente à performance.

Figura 33 - Imagem alcançada (Grupo On Fleek KPXP AWARDS, 2022)



Fonte: Jámille Guimarães (Arquivo pessoal)

Figura 35 - Imagem pretendida (PIXY Apresentação ao vivo)



Fonte: [https://www.youtube.com/watch?v=3yi\\_TFXvuds](https://www.youtube.com/watch?v=3yi_TFXvuds)

Nesse momento da coreografia em que nós do grupo chamamos carinhosamente de “árvore”, foi o momento do meu solo com auxílio de *staffs* e como minha personagem era a integrante responsável apenas pela parte vocal (quando o integrante apenas canta baseado em sustentação de notas, ou como chamamos são os responsáveis pelo “*high note*”, que são as notas musicais mais altas de toda a música, não chega a fazer *rap*, mas isso não é uma regra).

Figura 36 - Imagem alcançada (Grupo On Fleek KPXP AWARDS, 2022)



Fonte: Jamille Guimarães (Arquivo Pessoal)

Foi um momento solene onde minha personagem foi o foco dos olhares, mas não apenas isso, o grupo inteiro necessitou de consonância e sincronia com a música mantendo os personagens e no caso dos *staffs* manter os movimentos leves e controlados como uma leve brisa nas folhas das árvores.

Percebo que quanto mais nos esforçamos para atingir a imagem pretendida, mais nos readaptamos à uma nova forma de comportamento e fazemos uma espécie de releitura de nós mesmos a cada performance, a cada vez que subimos ao palco. Porém cada readaptação alcançamos além da releitura, a organicidade, como já foi dito anteriormente. Uma das coisas mais interessantes dentro o meio *K-Cover* é a arte de se readaptar e se adequar a cada coreografia, em cada conceito e dentro dessa perspectiva trago uma citação de Bião (2009) que é capaz de traduzir o que seria essa “metamorfose” dentro do próprio *K-Cover*,

Conhecer-se o que não se conhece é reconhecer-se no novo, que se busca conhecer, algo que já existe no velho e, paulatinamente, irá se transformando (o velho), ao mesmo tempo em que, inevitavelmente, também se transforma o que se passa a conhecer (o novo). É nascer-se de novo, a cada passo, junto com o próprio caminho que se percorre, transformando-o, continuamente. (BIÃO, 2009, p.34).

Cada uma das performances possuiu uma forma autêntica, tanto de figurações coreográficas, quanto de coreografia/dança, mas acima de tudo, de interpretação. Porém, não posso deixar de lado a essência individual que possuímos que acaba sendo um extra em possuindo a apresentação pretendida em grande parte como alicerce. A espetacularidade está justamente nisso, nos acontecimentos extracotidianos apresentados, apesar de simples, não possuem nada de comum.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Felizmente, a cultura *K-Cover* vem crescendo a cada dia que passa. Agora com o movimento se estendendo para outras cidades do Pará (como alguns eventos que já existiam, porém, não recebi mais notícias), sendo a mais recente Ananindeua (cidade vizinha de Belém, literalmente colada).

Concordo que apenas palavras e algumas imagens é um pouco difícil visualizar o que é a cena *K-Pop* em Belém e como alguns eventos funcionam e se relacionam com seus participantes. É uma cultura que necessita ser vivida para ser compreendida, precisa estar imerso, aprender novas gírias, estar atualizados dos mais recentes lançamentos musicais e coreográficos. A cada dia que passa a cultura jovem se dissemina com maior velocidade mediante as redes sociais. É reconfortante, para mim, perceber que hoje o acesso à informação facilitou não apenas a classes mais afortunadas, porém é como se a democracia finalmente tivesse atingido as classes privilegiadas.

Espero ter atingido meu objetivo com essa pesquisa que foi apresentar como um breve registros para os próximos pesquisadores da área em questão, que são o *K-Pop* e *K-Cover* que ainda são tão pouco pesquisadas e registradas na academia, principalmente por termos em sua maioria pesquisas em outras línguas e não a portuguesa. Para os próximos que se utilizarem também desde objeto de pesquisa, peço que encontrem o máximo de erros ou os buracos que existirem e o preencham com informações válidas, mas acima de tudo, vivenciadas.

Nenhuma informação vale mais que aquelas que estão impressas em nossos corpos, somos nosso próprio campo experimental, junto a inúmeras possibilidades de se fazer arte, de fazer performance. Nós *K-Covers* precisamos enxergar nossa importância dentro da cultura da região em que vivemos e trazemos conosco para os palcos durante cada performance.

Para finalizar, gostaria de reafirmar que todo saber é válido e efetivo, principalmente quando resultado do empirismo, que é proveniente de toda uma experiência prática alinhada com a rotina de ensaios e encontros em locais pré-estabelecidos através de uma cultura jovem concebida através do saber-fazer *K-Cover*.

É claro, que a espetacularidade está presente ao longo de todo o processo de preparação da performance, mas principalmente no ato final, a apresentação. Onde o

corpo se modifica de certa forma para caber onde nos propusemos, mas propiciamos a modificação desse corpo através dos figurinos, maquiagens e estados de consciência (considerando a forma como nós nos percebemos e adaptamos ao ambiente onde estamos inseridos).

Lembre-se, se não fizermos, ninguém mais fará. Nossa arte é extremamente válida e rica, foi fundada sobre incertezas e *hobby*, hoje estamos alcançando espaços formais como teatros e executando performances com cada vez mais excelência apesar dos baixos recursos, pela simples vontade de fazer. Não se deixem envergonhar como tentaram e quase conseguiram fazer comigo, que possamos levantar nossa bandeira com orgulho, pois ainda temos um longo caminho a trilhar. Somos nós por nós. Falemos com propriedade e orgulho do que fazemos, pois apenas nós sabemos como fazê-lo, é um saber único e merece ser trazido em pauta.

## REFERÊNCIAS

ABEN ATHAR, Maria Victória Almeida. **Composição coreográfica em teatro musical: Caminhos Artístico-Pedagógicos para uma Organicidade Coreográfica**. 2021. Tese de Conclusão de Curso (Licenciatura em Dança) – Universidade Federal do Pará, 2021.

AMINO. **Você sabe o que é Ulzzang?** Disponível em: [https://www.google.com/amp/s/aminoapps.com/c/kpoppt/amp/blog/voce-sabe-o-que-e-ulzzang/W15x\\_YZcXu3WolPoqN3zYkYoKjm5eqWmr](https://www.google.com/amp/s/aminoapps.com/c/kpoppt/amp/blog/voce-sabe-o-que-e-ulzzang/W15x_YZcXu3WolPoqN3zYkYoKjm5eqWmr). Acesso em: 10 fev, 2022.

ANTUNHA, Elsa Lima Gonçalves. **Propriocepção: um conceito de vanguarda na área diagnóstica e terapêutica**. Boletim Academia Paulista de Psicologia - Ano XXVIII, nº 02/08: 278-283. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bapp/v28n2/v28n2a15.pdf>. Acesso em: 31 mai, 2022.

BARBOSA, M. R., MATOS, P. M. & COSTA, M. E. **“Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje”**. Universidade do Poto, 2011.

BARTHES, Roland. **Encore le corps**. In: Revue Critique, XXXVIII, nº 423-424. Paris, sept 1982.

BIÃO, A. J. C. **Etnocenologia e a cena baiana: textos reunidos**. Salvador: P&A Gráfica e Editora, 2009.

BIÃO, Armindo. **A Presença do Corpo em Cena nos Estudos da Performance e na Etnocenologia**. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/presenca>. Acesso em: 31 maio, 2022.

BROWN, S.; PARSONS, L. **Neuroscience and Dancing**. Sci Am. v. 299, n.1, p. 78-83, 2008.

CRAZY, Extravaganza. **Máquina de dança Pump It Up**. Disponível em: <https://youtu.be/o01dR5W8gGs>. Acesso em: 24 abr, 2022.

Daolio, João. **Da cultura do corpo**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

FEATHERSTONE, Mike. **Postmodernism and Consumer Culture**. Londres, Sage, 1991.

FONSECA, V. **Cognição, Neuropsicologia e aprendizagem: abordagem neuropsicológica e psicopedagógica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

GIL, José. **Movimento Total**. São Paulo: Iluminuras, 2004.

GLOBO, O. **Com refrões grudentos em inglês, as bandas de K-pop viram fenômeno além da Ásia**. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/com-refraos-grudentos-em-ingles-as-bandas-de-pop-viram-fenomeno-alem-da-asia-4724856>. Acesso em: 31 mai, 2022.

GOMES, Ruth Cristina Soares; GHEDIN, Evandro. **O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO NA VISÃO DE JEAN PIAGET E SUAS IMPLICAÇÕES A EDUCAÇÃO CIENTÍFICA**. Disponível em: [http://abrapecnet.org.br/atas\\_enpec/viii/enpec/resumos/R1092-2.pdf](http://abrapecnet.org.br/atas_enpec/viii/enpec/resumos/R1092-2.pdf). Acesso em: 24 abr, 2022.

HOBBSAWN, E., RANGER, T. **A invenção das tradições**. [Trad. Celina Cardim Calvacanti]. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. 316p. Pp. 9-23.

MAGAZINE, Fahrenheit. **A diversidade colorida do estilo Harajuku**. Disponível em: <https://www.google.com/amp/s/fahrenheitmagazine.com/pt/estilo-de-vida/estilo-de-vida-estilo-de-moda/a-diversidade-colorida-do-estilo-harajuku%3famp>. Acesso em 13 mar, 2022.

MAGIC, A Sweet. **O que é Ulzzang? Conheça tudo sobre o estilo da Korea!**

Disponível em: <https://www.asweetmagic.com.br/2019/08/o-que-e-ulzzang-conheca-tudo-sobre-o.html?m=1>. Acesso em: 10 fev, 2022.

NEVES, José Luis. **Pesquisa qualitativa**. Caderno de Pesquisa em Administração: São Paulo, V.1, N°3, 2º SEM/ 1996.

PIAGET, Jean. **Epistemologia Genética**. Tradução: Álvaro Cabral. 3ª ed. Martins Fontes: São Paulo, 2007.

PLANO, Melhor. **O que é streaming?** Disponível em:  
<<https://melhorplano.net/streaming>. Acesso em: 15 abr, 2022.

PRADIER, Jean- Marie. **Etnocenologia**. In: BIÃO, Armindo e GREINER, Christine. In: **Etnocenologia: textos selecionados**. São Paulo: Annablume, 1999.

RIBEIRO, M.M.; TEIXEIRA, A.L.; **Aprender uma Coreografia: Contribuições das Neurociências para a Dança**. Neurociências Brasil, 2008.

SCHECHNER, Richard. **O que é Performance**. O Percevejo, Rio de Janeiro, UNIRIO, n. 12, p. 25-50, 2003.

SOUSA, Ana Letícia Figueiró de. **Corpo-nuance: A espetacularidade do K-POP a partir da trajetória de uma artista-etno-pesquisadora do grupo LIMITLESS de Belém do Pará**. 2018. Tese de Conclusão de Curso (Licenciatura em Dança), 2018.

STEVENS, C.; McKECHNIE, S. **Thinking in action: thought made visible in contemporary dance**. Cogn Process.v. 6, p.243-52, 2005.

Vygotsky, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes. 1991.

## ANEXOS

Animazon 2012 – Hall de entrada do evento



Fonte: <https://www.facebook.com/media/set/?set=a.254989381195036&type=3>

Animazon no Taikai 2015 - Yume no Maid Café



Fonte: <https://www.facebook.com/YumeMaidCafe>

## Animazon no taikai 2012 – Sala de videogames



<https://www.facebook.com/media/set/?set=a.490915320935773&type=3>

## Animazon no Taikai 2012 - Sala de videogames



Fonte: <https://www.facebook.com/media/set/?set=a.490915320935773>

Animazon no Taikai 2012 - Show da banda The Kira Justice



Fonte: <https://www.facebook.com/media/set/?set=a.490915320935773&type>

Animazon no taikai 2012



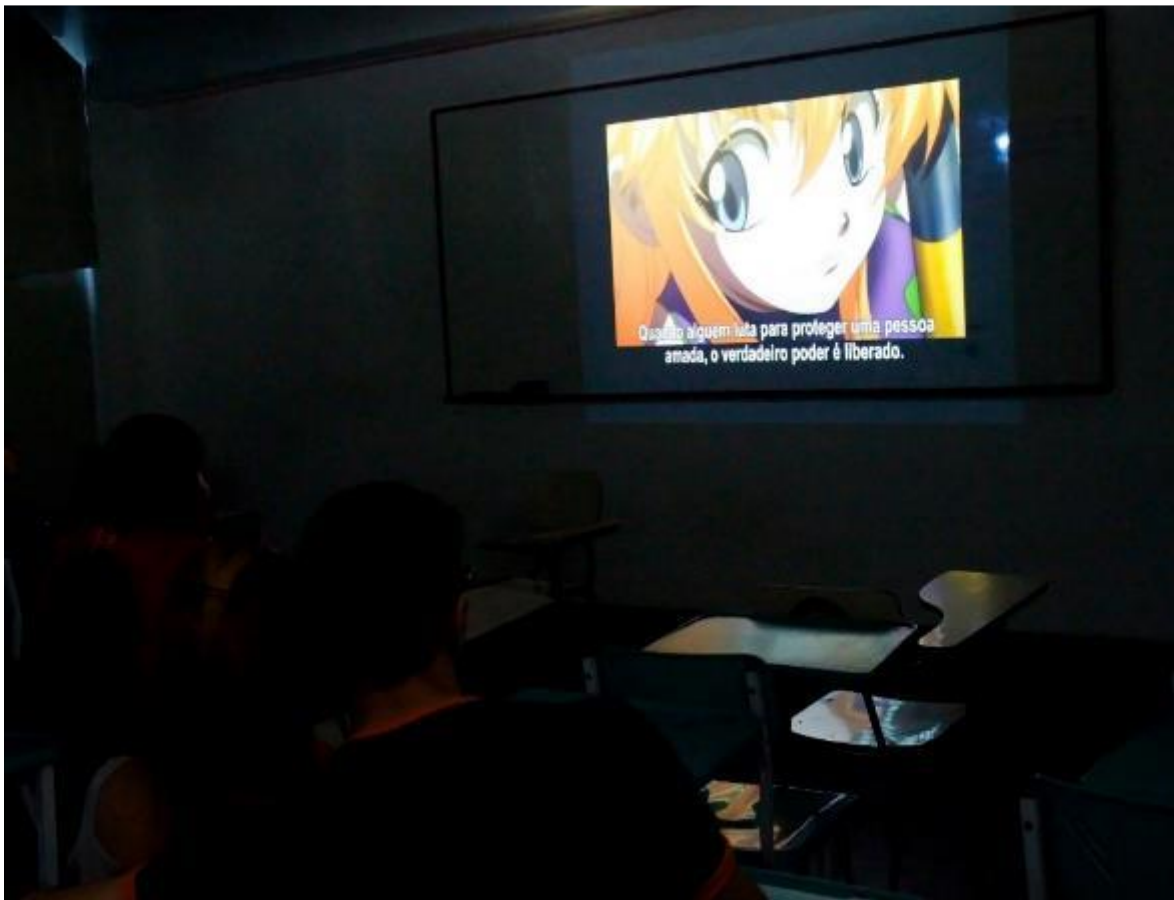
Fonte: <https://www.facebook.com/media/set/?set=a.490915320935773&type=3>

Animazon no Taikai 2012 – Concurso Cosplay



Fonte: <https://www.facebook.com/media/set/?set=a.490915320935773&type=3>

Animazon no Taikai 2012 – Sala de exibição de animes



Fonte: <https://www.facebook.com/media/set/?set=a.490915320935773&type=3>